

# Estudos Italianos em Portugal

Instituto  
Italiano  
de Cultura  
de Lisboa

Nova Série  
Nº 5  
2010

## ÍNDICE

Editorial	3-5
Dossiê – O ensino do italiano em Portugal	7-91
Istituto Italiano di Cultura di Lisboa, <i>Lingua e Cultura italiana in Portogallo</i>	9
Universidade de Coimbra	
Rita Marnoto, <i>Perspectiva histórica</i>	15
Clelia Bettini, <i>Coimbra 2010 – a Italianística está na rua. Riflessioni sullo stato delle cose</i>	31
Rita Marnoto, <i>Súmula legislativa</i>	46
Universidade de Lisboa	
Maria João Almeida, <i>Estudos Italianos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa</i>	53
Porto. Universidade do Porto e outras instituições	
Giuseppe Mea, <i>Quarenta anos a ensinar italiano</i>	65
Zulmira Santos, <i>Sobre os curricula da Faculdade de Letras</i>	68
Conservatórios e Escolas de Música	
Lino Mioni, <i>Percurso de formação e plano de estudos</i>	71
Marcello Sacco, <i>Insegnare italiano nelle scuole di musica</i>	78
Universidades dos Açores, do Minho e de Aveiro	
Catia Benedetti, Rita Marnoto, <i>Universidade dos Açores</i>	83
Emanuele Ducrocchi, <i>Universidade do Minho</i>	87
Silvia Brunetta, Rita Marnoto, <i>Universidade de Aveiro</i>	90

## ARTIGOS

Ernesto Rodrigues, <i>Carbonária, o exército civil do 5 de Outubro</i>	95
Giuseppe Alonzo, <i>Tasso e l'“iperidentità” portoghese.</i> <i>Per una rilettura di “Vasco, le cui felici, ardite antenne”</i>	107
Marcello Sacco, <i>La lingua è mobile. I libretti d'opera</i> <i>nella glottodidattica dell'Italiano LS</i>	119
João Bigotte Chorão, <i>Um poeta entre dois idiomas</i>	129
Manuel G. Simões, <i>Guido Batelli e a poesia portuguesa</i>	135

## RECENSÕES

Giorgio de Marchis, <i>E... Quem é o autor desse crime?</i> (Ernesto Rodrigues)	153
Raul Brandão, <i>Humus</i> , tradução e cura di Marcello Sacco (Manuel G. Simões)	156
Editou-se... (Paola D'Agostino)	159
José Vitorino de Pina Martins <i>in memoriam</i>	161
Aires A. Nascimento, <i>Requiem por J. V. Pina Martins!</i>	163
Ernesto Rodrigues, <i>Olhares de Jano</i>	167
Elsa Gonçalves, <i>Diálogo interrompido.</i> <i>Evocação do Professor Pina Martins</i>	169
Adriano Moreira, <i>Evocação de J. V. Pina Martins</i> ( <i>Na missa de 30.º dia, na Igreja das Mercês, a Jesus,</i> <i>a par da Academia das Ciências de Lisboa</i> )	174
Eduardo Lourenço, <i>Recordando J. V. Pina Martins</i>	176

PUNTUALE, nel suo ormai consueto appuntamento annuale, esce un nuovo numero della rivista *Estudos Italianos em Portugal* che, questa volta, dedica il dossier monografico all'insegnamento della lingua italiana in Portogallo, argomento a me particolarmente caro perché proprio il promuovere e il diffondere la lingua, oltre che la cultura italiana, è compito precipuo dell'Istituto Italiano di Cultura. Grazie alle numerose e accurate collaborazioni, il dossier traccia un ampio e dettagliato ritratto dell'attività didattica attualmente svolta nelle varie università del paese, così come in altre istituzioni, che viene arricchito da una minuziosa retrospettiva storica e da stimolanti spunti di riflessione su quali potranno essere le strade da seguire, in futuro, per consolidare e accrescere la presenza dell'italiano nella realtà portoghese. Fra gli articoli raccolti nell'apposita sezione, tutti di notevole interesse, segnalo il testo firmato dal Professor Ernesto Rodrigues sul ruolo svolto dalla Carboneria nella nascita della repubblica portoghese di cui si celebra, quest'anno, il centenario. Le ultime pagine della rivista sono consacrate al ricordo commosso e grato di una delle personalità che ha maggiormente contribuito al dialogo culturale fra l'Italia e il Portogallo, il Professor José Vitorino de Pina Martins, recentemente scomparso.

Una parola di ringraziamento, infine, per tutti coloro che hanno generosamente dato il loro contributo alla realizzazione di questo numero, il quinto della nuova serie, e, in particolare, alla Prof.ssa Rita Marnoto, che ne ha curato il coordinamento editoriale.

LIDIA RAMOGIDA

PONTUALMENTE, no seu já habitual encontro anual, sai um novo número da revista *Estudos Italianos em Portugal* que, desta vez, dedica o dossiê monográfico ao ensino da língua italiana em Portugal, tema que me é particularmente caro, não só por promover e difundir a língua e a cultura italianas, mas também por dizer respeito às funções essenciais do Instituto Italiano de Cultura. O dossiê, graças às várias e preciosas colaborações, traça um amplo e detalhado retrato da actividade didáctica actualmente desenvolvida nas diversas universidades portuguesas, bem como noutras instituições, que é enriquecido por uma minuciosa retrospectiva histórica e por estimulantes sugestões de reflexão sobre os caminhos a seguir no futuro, para consolidar e aumentar a presença do italiano na realidade portuguesa. Dos vários artigos compilados em secção própria, todos de notável interesse, assinalo o texto assinado pelo Professor Ernesto Rodrigues sobre o papel desenvolvido pela Carbonária no nascimento da República portuguesa, cujo centenário se comemora este ano. As últimas páginas da revista são dedicadas à memória sentida e grata de uma das personalidades que mais contribuiu para o diálogo cultural entre Itália e Portugal, o Professor José Vitorino de Pina Martins, recentemente falecido.

Finalmente, uma palavra de agradecimento a todos os que generosamente deram o seu contributo para a realização deste número, o quinto da nova série, e, particularmente à Professora Rita Marnoto, pela cuidadosa coordenação editorial.

LIDIA RAMOGIDA

## DOSSIÊ

### O ENSINO DO ITALIANO EM PORTUGAL

*O ENSINO DE UMA LÍNGUA, num país estrangeiro, é sem dúvida espelho privilegiado das relações entre os dois países, ao mesmo tempo que funciona como dinamizador do seu fomento. Mas uma reflexão sobre o ensino do italiano, em Portugal, ganha particular razão de ser num momento em que, face às grandes mudanças que mais recentemente se têm vindo a verificar, se fala de uma nova ordem linguística mundial.*

*O dossiê que a revista Estudos Italianos em Portugal dedica ao tema aborda realidades de ensino que se estendem por todo o país, considerando vários âmbitos institucionais de docência. Foi solicitada a colaboração dos próprios agentes de ensino, no objectivo de apresentar uma perspectiva que, capitalizando um historial, incida sobre a actualidade em termos projectuais.*

*Recentes indagações mostram que o italiano é a quarta ou a quinta língua mais estudada no mundo. É um dado notável, tendo em linha de conta que a estabilização da norma do italiano é um fenómeno de língua relativamente recente. Na verdade, o seu ensino encontra-se historicamente ligado a uma esfera cultural restrita, no domínio da literatura, das artes plásticas ou da música. Hoje em dia, porém, novos públicos se interessam pela sua aprendizagem, em virtude de motivações que se prendem com a produção ou, de um modo geral, com a economia, sendo a Itália um dos países mais industrializados do mundo. Trata-se, contudo, de uma dicotomia aparente, reconduzível à síntese entre uma forte tradição histórica e*

*uma modernidade que a partir dela potencia áreas de ponta como o design de equipamento, em especial o automóvel e mobiliário, a moda, o espectáculo, a alimentação, o desporto, o turismo, o património urbano e tantas outras.*

*É nessa ordem de ideias que se enquandram os atractivos que fazem da língua italiana e do estilo de vida italiano motivos de franco sucesso, entre os jovens portugueses. Trata-se, como é evidente, de uma adesão espontânea a um território tão vasto como atraente. Mas tendo em linha de conta que, de entre as línguas mais estudadas em Portugal, o italiano não faz parte dos planos de estudo das escolas oficiais do ensino médio, fica em aberto uma frente de actuação cujo sucesso é, à partida, garantido.*

RITA MARNOTO

## LINGUA E CULTURA ITALIANA IN PORTOGALLO

ISTITUTO ITALIANO DI CULTURA DI LISBONA\*

La lingua italiana in Portogallo riscuote già da tempo enormi consensi che si sono tradotti, nell'ultimo decennio, in una significativa crescita del numero degli iscritti ai Corsi di Lingua e Cultura Italiana, non solo presso l'Istituto Italiano di Cultura ma anche presso gli Atenei locali. Infatti, nel corso degli anni l'italiano si è affermato sempre di più sia come lingua di cultura sia come lingua funzionale al mondo degli affari e del turismo in stretto rapporto con il processo di espansione in terra lusitana della nostra economia e dell'immagine del nostro Paese.

A conferma di questa tendenza positiva e dell'interesse manifestato *in loco* per la nostra lingua, si riportano i dati dei Corsi di Lingua e Cultura Italiana dell'Istituto di Cultura che per l'anno 2010 risultano 57, impartiti da 11 docenti e che vedono un pubblico discente che oscilla tra livelli e tipologie che vanno dall'età scolare a quella più avanzata, raggiungendo la cifra di 400 alunni per quadrimestre. I Corsi di Lingua quadrimestrali e intensivi, impartiti presso l'Istituto Italiano di Cultura, sono adeguati ai livelli stabiliti dal

\* L'Istituto Italiano di Cultura di Lisbona, organismo ufficiale dello Stato italiano, ha quale obiettivo quello di promuovere e di diffondere la lingua e la cultura italiana in Portogallo attraverso l'offerta di Corsi di lingua e l'organizzazione di eventi culturali, anche in collaborazione con le istituzioni locali, al fine di favorire la circolazione delle idee, delle arti e delle scienze.

Quadro Comune Europeo di Riferimento per le Lingue del Consiglio d'Europa (Common European Framework) e sono articolati in sei livelli di competenza: A1, A2, B1, B2 (con 60 ore ciascuno) e C1 e C2 (con 120 ore ciascuno) per un totale di 480 ore. Oltre all'offerta di Corsi di Lingua, l'Istituto propone anche Corsi di Italiano Commerciale, Corsi di Conversazione, Traduzione, Laboratorio di Scrittura, Corsi per Bambini italo-portoghesi e Seminari Tematici di Storia dell'Arte, Storia dell'Opera, Storia del Cinema e Letteratura Italiana.

L'Istituto Italiano è altresì sede degli Esami di Certificazione CILS e CIC dell'Università per Stranieri di Perugia, e CELI dell'Università per Stranieri di Siena con due sessioni annuali. Da giugno di quest'anno, l'Istituto ha aderito alla rete del Consorzio ICoN, in collaborazione con l'Università di Pisa, offrendo l'opportunità di sostenere gli esami per via informatica presso la propria sede.

Dal punto di vista strettamente culturale, l'Istituto Italiano di Cultura di Lisbona consolida la sua prestigiosa tradizione nel tessuto culturale metropolitano attraverso la programmazione di una vasta gamma di manifestazioni, quali conferenze, presentazioni letterarie, cicli cinematografici, rappresentazioni teatrali, spettacoli di danza, concerti di musica classica e contemporanea, mostre d'arte, in alcuni casi in collaborazione con altri Centri culturali portoghesi. Tra il numeroso pubblico sempre presente si nota una forte adesione da parte degli alunni che frequentano l'Istituto, a testimonianza di una maggiore sensibilizzazione agli eventi culturali che ha permesso di superare la dicotomia che vedeva un tempo l'attività dei Corsi separata dalle manifestazioni.

Per ciò che concerne lo stato della lingua italiana a livello accademico, l'insegnamento della nostra lingua, oltre che presso i tre Lettorati di ruolo dell'Università di Lisbona, Nova di Lisbona e di Évora, si tiene a livello curricolare e opzionale presso l'Università dell'Algarve in Faro, con Corsi

di Lingua attivati grazie ad un contributo quinquennale del Ministero degli Affari Esteri, concesso a seguito della chiusura del Lettorato di ruolo. Corsi di Lingua italiana sono presenti anche presso la prestigiosa e antica Università di Coimbra, del Minho a Braga, delle Azzorre e di Aveiro, nonché presso le Università private Autonoma, Cattolica, Lusofona e della Terza Età.

Non sono presenti comunque Cattedre di Italiano presso le Università portoghesi, ad eccezione dell'Università di Coimbra, né esistono *in loco* scuole italiane o bilingui. Tuttavia, a livello di scuola secondaria, l'insegnamento della nostra Lingua è previsto nel piano di studi del locale Liceo Francese "Charles Lepierre" di Lisbona, dove dall'ottobre del 1985 viene impartito un Corso di Italiano per 15 ore settimanali per un numero complessivo di 60 alunni all'anno, dell'Istituto Superiore di Turismo di Estoril e delle Scuole di Musica del Conservatorio, e si segnala la presenza di Corsi di lingua italiana a livello sperimentale anche in altre istituzioni scolastiche.

Se si considera che la lingua italiana non è materia curriculare nel sistema scolastico portoghese a differenza di altre lingue come inglese, francese, tedesco e spagnolo, emerge lo sforzo richiesto ai centri di insegnamento per l'italiano che rispondono in maniera soddisfacente alla domanda di Corsi di Lingua e Cultura Italiana della popolazione portoghese. Al ruolo decisivo svolto dall'Istituto Italiano di Cultura di Lisbona ai fini della promozione e diffusione della lingua e cultura italiana è doveroso quindi affiancare l'impegno costante profuso dai Lettori ministeriali i quali, oltre a svolgere attività didattica, collaborano con l'Istituto alla promozione di attività culturali, assicurando in tal modo una più incisiva proiezione della lingua e della cultura in seno agli Atenei locali.

Nel corso del presente anno accademico, presso l'Università di Lisbona si sono registrati tre Corsi di livello base

ed intermedio con complessivi 35 alunni, mentre all'Università Nova sono stati attivati cinque Corsi di livello base, intermedio ed avanzato per un totale di 83 alunni. Per quanto riguarda, invece, la realtà della prestigiosa Università di Évora, recentemente si è assistito ad un incremento considerevole di accordi internazionali attraverso gli scambi Erasmus e, di conseguenza, di numero di studenti di Lingua Italiana per un totale di 48 alunni divisi in 3 Corsi di livello base ed intermedio. Dopo l'Ateneo di Faro, anche presso quello di Évora non sarà più presente dal prossimo anno accademico il Lettore italiano di ruolo, a seguito degli interventi di riduzione di spesa realizzati dal Ministero degli Affari Esteri. Relativamente a Faro, l'Università si avvale da tre anni di un contributo ministeriale quinquennale e della presenza di un'insegnante di madre lingua contrattata direttamente: anche in questo caso l'insegnamento della Lingua e Cultura italiana rientra nelle scelte di una seconda o terza lingua non essendo presente un Dipartimento di Italiano. Le attività didattiche della lettrice e la vivacità organizzativa del Dipartimento di Lingue Moderne hanno incrementato il numero degli alunni interessati alla nostra cultura: 50 alunni per tre Corsi di lingua di livello base ed intermedio. Il contributo ministeriale assegnato rappresenta un tentativo di incentivare la crescita del numero di studenti di Lingua e Cultura italiana in una realtà decentrata, ma strategica dal punto di vista turistico-economico.

Diversa distribuzione della presenza dell'insegnamento della lingua italiana si può osservare nelle realtà più a Nord del Portogallo. Nella città di Coimbra esiste da tempo un prestigioso Istituto di Studi Italiani che garantisce non solo un Corso di Laurea in Lingua e Letteratura italiana, ma rappresenta un fondamentale punto di aggregazione scientifica per la vivacità dei componenti del Dipartimento, guidati dalla Professoressa Rita Marnoto. Nella città di Oporto, che ha avuto un grande rilancio dopo essere stata proclamata

nel 2001 Capitale della Cultura Europea, divenendo sede di importanti centri culturali, dopo la chiusura della sezione distaccata dell'Istituto Italiano di Cultura nel 1993, non risulta esserci una presenza significativa dell'insegnamento della nostra lingua sia a livello superiore che universitario, con un'evidente debolezza ed inammissibile "vacanza" rispetto alle altre lingue europee. È pur vero che la presenza di un Consolato Onorario particolarmente attento e propositivo cerca di rimediare a questa mancanza offrendo Corsi di lingua, gestiti dalla Camera di Commercio, peraltro non sufficienti a coprire l'accresciuta domanda che si registra già da tempo. Infine, per quanto attiene all'Università del Minho, con sede nella città di Braga, nell'anno in corso si sono registrate interessanti iniziative da parte dei docenti dell'Area di Italiano volte a sensibilizzare gli studenti e ad avvicinarli alla nostra lingua e cultura.

Sebbene in terra lusitana la diffusione della lingua e della cultura italiana non appaia del tutto uniforme, evidenziandosi zone con una maggiore distribuzione di centri di insegnamento a scapito di altre dove se ne registra una presenza isolata e talvolta sporadica, si può concludere che, a conferma di un trend generale, anche in Portogallo, come in altre nazioni europee, si è passati da un pubblico genericamente interessato alla lingua italiana come investimento culturale ad un pubblico alla ricerca di un investimento formativo, dettato dalla maggiore spendibilità sociale della competenza in italiano come lingua straniera.



# UNIVERSIDADE DE COIMBRA

*O ensino do italiano na Universidade de Coimbra remonta, em termos formais, ao momento da criação da sua Faculdade de Letras, há aproximadamente um século. Ao longo desse lapso temporal, sofreu uma grande evolução, oferecendo sempre mais latas potencialidades de desenvolvimento.*

*No conjunto de textos que segue, começa-se por fazer o esboço histórico desse complexo processo de crescimento, o qual tem por sucedâneo a apresentação do actual quadro de actividade. A terminar, é elaborada uma súmula da legislação relativa ao ensino do italiano, desde a fundação da Faculdade de Letras, em 1911, até aos nossos dias.*

## PERSPECTIVA HISTÓRICA

RITA MARNOTO\*

Um dos poucos portugueses referido por Dante, na *Commedia*, é precisamente o fundador da Universidade de Coimbra, o rei-poeta D. Dinis, que a criou por bula de 1 de Março de

\* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde ensina literatura, cultura e linguística italianas, e tradução. Coordenadora da Área de Italiano.

1290. *Quel del Portogallo* – escreve Dante (*Par.*19.139). Esta circunstância simboliza bem a ancestralidade de uma ligação que, ao longo dos séculos, se tem vindo a sedimentar de um modo cada vez mais próximo.

Na verdade, o ensino do italiano na Universidade de Coimbra é charneira de um sem número de articulações que se estendem no tempo, densas de significado e saturadas de valências. Mostra-o bem a abrangência e a transversalidade desse percurso diacrónico, pelo modo como a história do ensino do italiano se intersecta com a história das instituições, da diplomacia e até da literatura e das outras artes, pondo em evidência a proximidade dos elos que unem Portugal e Itália. Aliás, a ideia de ensino do italiano vale, desde logo, por sinédoque, num espectro que engloba áreas disciplinares que vão da filologia, à língua, à literatura, à cultura e, mais recentemente, à linguística, à tradução, ao turismo, ao cinema, ao teatro, à biblioteconomia ou à comparatística.

Apesar de o campo das humanidades gozar de uma incidência privilegiada, o impacto do italiano na UC extravasa esse âmbito restrito.

Dos séculos que precedem a fundação da Faculdade de Letras em 1911 (vd. *infra*, “Súmula legislativa”, Decreto publicado no *Diário do Governo*, n.º 109, de 11 de Maio), sublinhem-se, a esse propósito, dois momentos-chave. O primeiro, é o da transferência definitiva da Universidade para Coimbra, quando D. João III cede o palácio real a esta instituição e é fundado o Colégio das Artes. Os estudantes podiam então seguir as lições de hebreu de Eusebio da Imola ou as prelecções de Prima, em leis, do romano Fabio Arcas de Narnia. O segundo momento leva-nos até ao actual Museu da Ciência, em cujo espólio se conservam os instrumentos de experimentação pertencentes ao Gabinete de Física, criado em finais do século XVIII por Giovanni Della Bella. Ao nome deste professor da UC, associam-se os de Domenico Vandelli, fundador do Jardim Botânico,

cujo desenho segue o do Jardim de Pádua, Luigi Chicci, médico, Michele Franzini, matemático, ou Michele Antonio Ciera, astrónomo. Foram chamados, todos eles, à UC, pelo Marquês de Pombal, no quadro de um vasto plano de renovação dos estudos científicos. O Ministro de D. José mandou também construir, para o efeito, um edifício que é o primeiro laboratório químico da Europa projectado de raiz. Transformado em Museu da Ciência, foi alvo, recentemente, de uma operação de recuperação arquitectónica que mereceu os prémios Micheletti, ENOR e Diogo de Castilho. Funciona como núcleo museológico com programação didáctica.

O marco cronológico que assinala os primórdios do ensino do italiano, como matéria autónoma, na UC, é o ano de 1911, quando é criada a Faculdade de Letras, sob a égide dos ideais de instrução propagados pela recém instaurada República. A reestruturação do ensino universitário responde, aliás, àquele ideário de formação cívica que alastrou por toda a Europa, depois do fim do Antigo Regime, e que também no Risorgimento italiano e nas suas infiltrações internacionais encontrou uma via de propagação.

Em 1913, é aberto um Curso Livre de Italiano, leccionado por Ferrand Pimentel de Almeida, há pouco regressado da Universidade Gregoriana de Roma. Este curso continuará a funcionar, de forma mais ou menos regular, ao longo do tempo. No ano seguinte, é pela primeira vez leccionada a disciplina de Literaturas Espanhola e Italiana, do quarto ano da licenciatura em Filologia Românica, regida por Eugénio de Castro, que era francesista, embora tivesse ficado mais conhecido enquanto poeta simbolista. Foi Director da Faculdade, assumiu o cargo de Director do Instituto de Italiano durante muitos anos e sempre se manteve de perto ligado ao italiano.

Os propósitos de estreitamento das relações culturais entre a UC e a Itália ganharam consistência com a Ditadura Militar

que governou Portugal a partir de 1926. Foram vários os factores que acalentaram essa aproximação, todos eles muito prementes, de entre os quais se salientam os objectivos de relacionamento internacional que a Faculdade de Letras perseguia, a eficácia do programa cultural do Fascismo italiano e a simpatia que o regime totalitário de Mussolini merecia não só à Ditadura Militar, como também ao Estado Novo posteriormente implantado pela constituição de 1933. De facto, ao longo de todo esse período a UC foi primordial centro de recrutamento para cargos ministeriais.

Por intermédio de Guido Vitaletti, que exercia funções diplomáticas, em 1927 o governo de Mussolini apresentou a proposta de criação da Sala Italiana, que foi prontamente acolhida. É inaugurada a 26 de Julho do ano seguinte, com honras oficiais. O apoio das autoridades italianas foi intenso e generoso. Por essa ocasião, foi enviado para a UC um leitor a custo do estado italiano. Foi também oferecido um acervo de 3000 livros, um dos factores que faz da actual Biblioteca de Estudos Italianos uma das melhor apetrechadas do país. Nem o plano artístico foi descurado, com a remessa de várias peças decorativas que ainda hoje se conservam, e sem esquecer o revestimento a damasco das paredes da Sala, situada no antigo edifício da Faculdade de Letras, onde hoje funciona a Biblioteca Geral da UC. O Director da Sala Italiana, também designada como Instituto de Italiano, foi, inicialmente, Guido Vitaletti, ao qual se seguiu, a curto prazo, Eugénio de Castro.

Com a fundação do Instituto, as actividades culturais italianas ganharam um dinamismo que se traduziu na organização, em continuidade, de exposições, conferências e visitas protocolares. O primeiro Curso de Férias funcionou, na Faculdade de Letras, no ano de 1925, com objectivos de internacionalização decorrentes do ensino de línguas estrangeiras. Na cerimónia de encerramento do Curso de 1928, Guido Battelli e Guido Vitaletti são condecorados

com a Ordem de S. Tiago da Espada. A distinção dos dois italianos, o segundo dos quais representava o Ministro de Itália em Portugal, mostra também a proximidade dos elos de ligação cultural entre a UC e dois regimes políticos em convergência.

Remonta a este mesmo período o livro de honra em cujas páginas os visitantes continuam, ainda hoje, a registar a sua presença na UC. Tem gravado, sobre capa de carneira, a letras de ouro, *Istituto Italiano di Coimbra*, e a primeira assinatura é a de Benito Mussolini, datada de Roma, 18 settembre 1929-VIII (ou seja, oitavo ano do regime fascista, imposto em 1922). Já se colocou a hipótese de que tivesse sido enviado, a título de oferta, por ocasião da visita que 1300 jovens italianos fizeram a Lisboa, em Setembro desse mesmo ano. Pertenciam às organizações da mocidade fascista e viajavam a bordo do *Cesare Battisti*. A operação tinha claros intuitos de propaganda, perseguidos com ambição, considerando que no seu seio se contavam dois filhos de Mussolini, Vittorio e Bruno.

Desta feita, os estudos italianos foram ganhando um prestígio que em muito superava o modesto lugar que continuavam a ocupar no plano curricular da licenciatura em Filologia Românica, com uma única disciplina. Neste quadro, revela-se particularmente inovador, para o ensino da literatura italiana, o contributo de Guido Battelli, no cerne de um interrelacionamento muito vivaz. Battelli, além de ter estudado aspectos das relações históricas entre Portugal e Itália, traduziu para italiano vários poetas portugueses, de entre os quais o próprio Eugénio de Castro. Essa disciplina fora anteriormente leccionada por Eugénio de Castro, Fer-rand Pimentel de Almeida, Mendes dos Remédios e até pelo francês Raymond Bernard, os quais, como romanistas, se ficavam pelo período das origens, indo pouco mais além do que Dante. Contudo, quando Battelli assume a leccionação de História da Literatura Italiana, no ano de 1929-1930,

introduz significativas alterações nos programas anteriormente leccionados, ao incluir autores de grande actualidade, como os poetas Carducci, D'Annunzio e Pascoli, para além de Manzoni, Verga, Fogazzaro, Papini, Giuliotti, Leopardi, Boito ou De Amicis. Na verdade, ao descrever a linha que, do Verismo, se estende até ao Simbolismo, incidia sobre poetas que tinham muitas afinidades com Eugénio de Castro, e não só literárias. Admite-se que, quando se deslocou a Itália para participar no Congresso Volta, em 1932, o Director do Instituto de Italiano da UC se encontrou pessoalmente com D'Annunzio. Mas os contactos entre escritores fazem-se em ambas as direcções. Recorde-se que, no ano anterior, Luigi Pirandello tinha estado em Coimbra, onde fora aclamado pelos estudantes.

O trabalho desenvolvido em torno do italiano na UC torna-se pólo propulsor de uma nova iniciativa institucional, ao mais alto nível, com a criação, em 1939, de uma Secção do Instituto de Cultura Italiana em Portugal, inicialmente instalada na Faculdade de Letras da UC e dependente da sede de Lisboa. Este organismo desempenhava funções de representação diplomática, mas, além disso, desenvolveu um trabalho de divulgação da língua, da literatura, da história e do cinema italianos não só na UC e na cidade de Coimbra, como também noutras cidades vizinhas, como Aveiro ou Leiria. Por esta via, eram regularmente organizadas, nos liceus e escolas da zona, actividades de extensão cultural. Teria sido, eventualmente, o propósito de alargar o seu público e de chegar mais directamente às populações, no contexto bélico da Segunda Guerra Mundial, que levou à transferência dessa Secção para a Avenida Navarro, uma artéria central da cidade, numa situação de proximidade com a representação alemã, instalada no antigo Colégio de Santo António da Estrela, junto à Legião.

Na Avenida Navarro, a Secção do Instituto de Cultura Italiana em Portugal teve vida breve. Mas a coincidência

do funcionamento, na Faculdade de Letras, de instituições culturais ligadas ao italiano, embora com um estatuto diferenciado, vinculou a Faculdade, indissolivelmente, à representação de Itália em Coimbra. Ainda hoje, estudantes ERASMUS, investigadores da área das humanidades e da área das tecnologias ou simples viandantes que passam pela cidade se dirigem à Sala do Instituto de Estudos Italianos, sentido como referência pátria. Além disso, ao longo dos anos, sedimentou-se a tradição que faz com que todas as manifestações culturais organizadas pelo governo italiano em Coimbra, através da sua representação diplomática em Portugal, sejam levadas a cabo em colaboração com o Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras.

Mas as tensões que se vão acumulando, face ao adensamento da conjuntura internacional, também no meio universitário coimbricense se fazem sentir, com todas as suas contradições. Na abertura solene do ano de 1940-1941, Morais Sarmiento profere uma intervenção em que cita a *Carta della scuola* de Mussolini. Na mesma altura, é montada uma exposição de bibliografia fascista no Instituto de Italiano, que os alunos são coagidos a visitar. A indignação suscitada levou os estudantes, porém, a destruírem os livros expostos, pelo que a intervenção da polícia não se fez esperar.

Quando, em 1943, a Itália entrou numa situação de ruptura política, a Secção de Coimbra do Instituto de Cultura Italiana em Portugal deixou de ter condições para funcionar. O acervo dos seus livros foi então transferido para a Faculdade de Letras. Nele se integra um conjunto de obras de ideologia fascista, de reconhecido valor histórico. O seu tratamento biblioteconómico e o seu estudo, que contou com a colaboração do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, teve por resultado o catálogo editado pela Imprensa da Universidade em 2007, acompanhado por um ensaio introdutório. Entretanto, já um outro fundo viera enriquecer as estantes do Instituto de Italiano da Faculdade,

o espólio do Marquês de Faria, diplomata de grande erudição que, ao longo dos anos, compilara e estudara vasta informação acerca das relações entre Portugal e Itália ao longo dos séculos. A doação, feita em 1936, reúne livros requintados, entre edições quinhentistas, traduções de Camões e de outros poetas portugueses para italiano e as próprias obras do Marquês de Faria, hoje muito raras. A estes dois fundos, um terceiro há a acrescentar, o do rei Umberto II. Trata-se de um conjunto de livros de temática dispersa, doado pelo monarca no exílio, em pequenos lotes, por ocasião das visitas que ia fazendo a Coimbra.

A solidez dos elos que ligam o Instituto de Italiano da UC às instâncias governamentais italianas é bem ilustrada pela continuidade do seu bom relacionamento e da sua profícua colaboração no período do Pós-Guerra. À diversidade dos regimes políticos em vigor, em Itália e em Portugal, sobrepõem-se interesses comuns de âmbito cultural e geo-estratégico. Na nova ordem resultante dos acordos de Yalta, Portugal é uma peça fundamental para a estratégia do Atlântico Norte. O reconhecimento desse papel, por parte dos Estados Unidos, aliado a uma tradição de boas relações com o Reino Unido, converteu Portugal num ponto de apoio decisivo para a integração da Itália na NATO. A isso se aliam interesses económicos da parte italiana, na exploração de matérias primas das colónias portuguesas. Esta correlação gerou uma estabilidade relacional que só na década de 1960 começou a dar os primeiros sinais de ruptura, quando eclodiram os movimentos de libertação nas colónias portuguesas.

O Instituto de Estudos Italianos da UC continuou a ser regularmente visitado pelas autoridades italianas, tendo sido organizadas múltiplas actividades culturais em colaboração. Por sua vez, pela parte portuguesa, foi feito um grande investimento na difusão do português em Itália, de forma a incentivar a criação de unidades de ensino e investigação nas suas Universidades.

E, todavia, sob uma aparente acalmia, as águas iam-se agitando.

Entre finais de 1946 e inícios de 1947, deslocou-se a Roma um grupo de técnicos, do qual faziam parte Cotinelli Telmo, Maximino Correia e outros membros da Comissão de Obras da Cidade Universitária de Coimbra, a fim de visitarem o complexo monumental edificado por Mussolini. Serviu de modelo para o plano da Alta de Coimbra, rasgando, da mesma feita, uma zona antiga do tecido urbano central, para construir instalações universitárias em estilo racionalista moderno.

No plano académico, também a contratação de docentes de italiano indicia cumplicidades com o regime deposto. Em 1944, o Ministro de Itália em Portugal solicitou que fosse suspensa a contratação, pela UC, de Vincenzo Spinelli. Spinelli defendia um ideário fascista radical, num momento em que, depois da queda de Mussolini, a diplomacia procurava estabelecer consensos. O Ministério da Educação Nacional, porém, considerou esse pedido como uma atitude de intromissão, justificando a contratação pela competência do docente, e não pelas suas posições ideológicas. Mas o caso de Luigi Federzoni mostra bem o peso das questões ideológicas. Federzoni deslocara-se a Portugal por ocasião da Exposição do Mundo Português, em 1940, e fora também a Coimbra. A sua visita em muito contribuiu para a reorganização e para a ampliação das Secções do Instituto Italiano de Cultura em Portugal. Ao longo do seu percurso intelectual, aliara destacados cargos de dirigente cultural a altas responsabilidades na hierarquia fascista. Além de Presidente da Società Geografica Italiana, da Accademia d'Italia, do Istituto dell'Enciclopedia Italiana e do Istituto Fascista dell'Africa Italiana, foi também membro do Gran Consiglio Fascista, Ministro das Colónias, Ministro do Interior e Presidente do Senado. Terminada a Guerra, foi condenado a prisão perpétua, mas obteve nacionalidade portuguesa, tendo

sido contratado pela Faculdade de Letras da UC por três anos, a partir de 1947-1948. Dos registos dos sumários, não resulta qualquer dado que documente a sua prestação docente.

De um olhar retrospectivo que se estende desde os primórdios do ensino do italiano, na segunda década do século XX, até aos inícios da década de 1970, resulta uma imagem gravada a tons fortes. Bastará percorrer a secção “Vária”, da revista *Biblos*, ou as páginas da revista *Estudos Italianos em Portugal*, para colher vasta informação acerca de actividades regularmente promovidas pelo Instituto de Italiano da Faculdade de Letras de Coimbra. Contudo, a maior surpresa resulta do confronto entre essa imagem e a sua expressão no plano da docência. Na verdade, desde a fundação da Faculdade, em 1911, até à década de 1970, não se verificaram substanciais alterações quanto ao lugar ocupado pelo italiano no plano de estudos dos licenciados em Filologia Românica (vd. infra, “Súmula legislativa”). As reformas sucederam-se, as designações da disciplina ministrada variaram, mas o ensino do italiano, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, traduziu-se, ao longo de décadas, numa única cadeira de italiano, que podia ser acompanhada por um Curso Livre, quando tinha condições para funcionar. No novo quadro de inter-relacionamento que se seguiu à Segunda Guerra, a disciplina continuou a ser leccionada por professores de grande mérito, Joseph Maria Piel, Ferrand Pimentel de Almeida, Manuel de Paiva Boléo, Herculano de Carvalho, mas a língua, a literatura ou a filologia italianas não foram a área de trabalho central de nenhum deles.

A primeira tentativa de superar essa situação teve por protagonista Giacinto Manuppella, que desde a década de 1940 trabalhava em Lisboa. Foi contratado pela UC em 1957 e manteve-se ligado ao Instituto de Estudos Italianos até 1975, ano em que se reformou. O doutoramento *honoris causa* que lhe foi atribuído em 1968 reconhecia o seu mérito científico e a simpatia granjeada. No espaço em que a regulamentação

curricular da licenciatura em Filologia Românica, aprovada em 1968 (vd. infra, “Súmula legislativa”, Decreto n.º 48 627, *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 240, de 12 de Outubro), instituiu um designado Seminário, no quinto ano, Manuppella conseguiu inserir um Seminário de Literatura Italiana. Podia ser escolhido em regime de opção, entre outros seminários de outras literaturas nacionais. Leccionou-o durante três anos lectivos, de 1973 a 1975, dele tendo resultado mais de uma dezena de teses de licenciatura, na sua maioria dedicadas a temas luso-italianos. Sucessivamente, foram Directores do Instituto de Estudos Italianos Ofélia Paiva Monteiro e Aníbal Pinto de Castro até 1995.

Finalmente, foi com a reestruturação curricular de 1978 (vd. infra, “Súmula legislativa”, Decreto n.º 53, *Diário da República*, 1.ª série, n.º 124, de 31 de Maio ) que o ensino da língua e da literatura italianas se viu idealmente colocado numa situação semelhante à de outras línguas ocidentais. A criação de uma licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, que permitia aos estudantes construírem livremente o seu currículo, juntando duas línguas e literaturas por livre escolha, através de um sistema de variantes, reflectia as mudanças trazidas pelo 25 de Abril de 1974. A integração europeia de um país que tinha vivido numa situação de grande isolamento não se podia processar à margem da formação de quadros habilitados, conhecedores de várias línguas e literaturas. Mas essa era também uma exigência das instâncias comunitárias.

Todavia, a medida encontrava-se enredada em vários paradoxos. Estava a ser aplicada ao ensino do italiano uma normativa que abrangia, paritariamente, outras línguas e literaturas, quando, afinal, entre o italiano e outras línguas e literaturas modernas, a situação no terreno, dentro e fora da Universidade, não era paritária. Foi neste ponto que afloraram todas as fragilidades da política de ensino que fora levada a cabo, de forma quase inalterada, ao longo de décadas.

A italianística não contava, na UC, com uma escola de investigadores, nem tão pouco com um especialista de área. Manuppella afastara-se da Faculdade de Letras e as suas investigações não foram continuadas, com a dispersão dos seus pupilos, criando um vazio. Diferentemente, outras línguas e literaturas tinham realizado um trabalho programado, em colaboração com estruturas de apoio sediadas em Coimbra, como a Alliance Française, o Goethe Institut e o British Council. Possuíam, pois, um corpo docente próprio, que englobava várias gerações.

O relacionamento entre os serviços culturais da diplomacia italiana e a UC, da década de 1970 até finais do século XX, continuou a ser próximo. No ano de 1982, em data não muito distante da conferência realizada por Umberto Eco no Instituto de Estudos Italianos da UC, é conferido o grau de doutor *honoris causa* a Amintore Fanfani, e em 1991 a Giovanni Spadolini. Noutros casos, porém, os mecanismos que suportavam essa colaboração entre instituições partiam de uma posição de exterioridade, o que fazia com que as respostas, muitas vezes, não satisfizessem as necessidades científico-pedagógicas de uma área que acumulara uma tradição de valor.

Quando, em 1987, o novo plano de estudos conferiu à licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas uma direcção prevalentemente vocacionada para o ensino (vd. infra, “Súmula legislativa”, Portaria n.º 844, *Diário da República*, 1.ª série, n.º 248, de 28 de Outubro), ao mesmo tempo que consignava o funcionamento de uma única variante com italiano, Estudos Portugueses e Italianos, criou-se uma situação paradoxal. Na verdade, do quadro das línguas e literaturas modernas ministradas na UC ao nível de licenciatura, o italiano e o espanhol eram as duas únicas a não serem ensinadas nas escolas. Além disso, a admissão de uma única combinatória com italiano em muito reduzia o quadro de intercomunicação europeu, fazendo o italiano gravitar em

torno do português. Sinal desse conjunto de desequilíbrios era o contraste entre o escasso número de inscritos na licenciatura em italiano e o número de estudantes que, a partir da década de 1970 (e ainda hoje), tem vindo a frequentar italiano por um ano, cerca de uma centena, aproveitando os espaços de manobra deixados em aberto pelos vários regimes de opção. O primeiro dado ilustra o impacto de um quadro administrativo pouco flexível, o segundo traduz o interesse suscitado pela matéria.

As autoridades italianas e espanholas, cientes da gravidade da situação, uniram os seus esforços na preparação de um processo, entregue ao Ministério português, que visava a integração do ensino do italiano e do espanhol no ensino médio. Aliás, essa medida respondia aos mais elementares desafios colocados pelo quadro comunitário europeu. Num momento em que os programas de intercâmbio ERASMUS e SOCRATES estavam a receber grandes incentivos, no objectivo de promover o intercâmbio entre universidades de toda a Europa, o ensino dessas línguas, nas escolas portuguesas, erigia-se em elementar factor de coesão cultural. Depois do pedido de separação de um processo que inicialmente era comum, apresentado pelas autoridades de Espanha, o ensino do espanhol nas escolas portuguesas foi normativamente instituído em 1999, o que ainda mais acentuou a situação de isolamento do italiano.

Nestas condições, em reunião de Maio de 2003 a Comissão Coordenadora do Conselho Científico da Faculdade de Letras da UC decidiu suspender a licenciatura na variante de italiano. O sentido institucional que moveu quantos se dedicavam ao ensino italiano na UC e a sua dedicação desinteressada a uma causa cultural moveu uma reacção dura e determinada. Sucessivamente, com a aplicação do processo de Bolonha e a reestruturação do plano de estudos, em 2006, o italiano adquiriu um novo lugar, no quadro da licenciatura em Línguas Modernas (vd. *infra*, “Súmula legislativa”,

Despacho n.º 13 799, do *Diário da República*, 2.ª série, de 30 de Junho). Desta feita, o estudante passou a dispor de uma larga margem de manobra na construção do seu currículo. Apesar disso, das línguas ministradas nesta licenciatura, o italiano é a única que tem cerceada a via ensino, por não ser ensinada nas escolas, o que a relega para um lugar à parte.

As valências que andam associadas ao ensino do italiano ilustram bem as potencialidades nele contidas. Língua estrangeira contemplada pelas novas licenciaturas em Estudos Europeus e em Turismo, Lazer e Património (vd. infra, “Súmula legislativa”), é também frequentado, em vários regimes de opção, por alunos de outras Faculdades (em particular, Direito, Economia, Medicina, Ciências e Tecnologia) e faz parte da oferta do Centro de Línguas da Faculdade de Letras. Neste âmbito, erige-se em instrumento de base em muitos campos das relações económicas ou da jurisprudência. Mas, além disso, a literatura, a cultura e a língua italianas encontram-se também actualmente representadas em dois mestrados, o mestrado em Literaturas e Culturas (vd. infra, “Súmula legislativa”, Despacho n.º 10 761, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 72, de 11 de Abril de 2008; e Despacho n.º 7632, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 52, de 16 de Março de 2009), e o mestrado em Tradução (vd. infra, “Súmula legislativa”, nomeadamente o mais recente Despacho n.º 8842, do *Diário da República*, 2.ª série n.º 60, de 26 de Março de 2008).

Este historial, necessariamente breve, mostra bem que os horizontes do ensino do italiano na UC, assim como, de resto, em outras instituições de ensino universitário, são latos, e só parcialmente explorados. Um dos seus pontos fortes é a atracção que exerce sobre os jovens, bem patente no número de estudantes, da mais diversa proveniência, que o frequentam em regime de opção. O carácter diversificado desse público gera e requer, simultaneamente, uma actividade de programação cultural inclusiva, que acompanhe

a leccionação, sempre aberta à colaboração com outras entidades e repartida por vários níveis, entre associações e núcleos de estudantes, unidades e órgãos institucionais da UC, entidades exteriores à UC, representantes do governo italiano em Portugal, com relevo para o Instituto Italiano de Cultura em Lisboa, centros de estudo, outras universidades portuguesas, universidades italianas ou de outros países e assim sucessivamente. Da mesma feita, começam a despontar condições de apoio a equipas luso-italianas de jovens investigadores.

É evidente que o desenvolvimento desta estratégia tem por charneira um factor-chave da actual conjuntura, a empregabilidade. Também neste plano, a inserção do ensino do italiano nas escolas poderá ser o fulcro de um crescimento sustentado num equilíbrio entre desenvolvimento económico e cultural.

## BIBLIOGRAFIA

- Biblos*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1, 1925 – 78, 2002; 2.<sup>a</sup> s., 1, 2003 – 7, 2009.
- Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, Istituto Italiano di Cultura in Portogallo, 1, 1939 – 54/56, 1991/1993; n. s., 0, 2005 – 4, 2009.
- Gola, Sabina, “Notes sur Eugénio de Castro et l’Italie”, in *Centenário da publicação de “Oaristos” de Eugénio de Castro. Actas do Colóquio. 7-9 Novembro 1990. Universidades de Liège e de Mons*, ed. Jean Marie d’Heur & René Poupart, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1999, pp. 87-100.
- Lancastre, Maria José de, “Uma viagem de Pirandello a Portugal”, in *Luigi Pirandello e a recepção da sua obra em Portugal*, coordenação de Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da FLUC, 2007, pp. 109-121.
- Macedo, Vera, *Portugal e Itália. Relações diplomáticas (1943-1974)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2010.

- Marnoto, Rita, “O ensino da língua e da literatura italianas na Universidade de Coimbra”, in *A.P.H.E.L.L.E. Associação Portuguesa para a História do Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras. Actas do I Colóquio. “Para uma História das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal: das Origens à Actualidade”*. Universidade de Aveiro, 23 e 24 de Novembro de 2000, Dafundo, APHELLE, 2001, pp. 91-117.
- Rodrigues, Manuel Augusto (a cargo de), *A Universidade de Coimbra no século XX. Actas da Faculdade de Letras. 1. 1911-1925. 2. 1925-36*, Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1989-1991.
- Sousa, Jorge Pais de, *Uma biblioteca fascista em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2007.
- Torgal, Luís Reis, “A Universidade, a ditadura e o Estado Novo (1926-1961). Notas de uma investigação colectiva”, in *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas. Congresso história da Universidade. 7.º centenário. 5 a 9 de Março de 1990*, Coimbra, Comissão Organizadora do Congresso “História da Universidade”, vol. 5, 1991, pp. 407-408.

#### FONTES MANUSCRITAS

- Actas dos Conselhos da Faculdade de Letras*, livros de 4-10-1936 a 13-10-1961.
- Livros de registo do serviço dos lentes e Livros de sumários* 1911-.

COIMBRA 2010 – *A ITALIANÍSTICA ESTÁ NA RUA*.  
RIFLESSIONI SULLO STATO DELLE COSE

CLELIA BETTINI\*

Siamo entrati ufficialmente nella seconda decade del terzo millennio. È innegabile, che ci piaccia o no, stiamo vivendo i favolosi anni Dieci. Ci siamo abituati al fragore di automobili e aeroplani, non ci stupiscono né ci entusiasmano, come accadeva negli anni Dieci del secolo appena trascorso. Viaggiamo sui bit, ci spostiamo su cinque o sei finestre aperte contemporaneamente sui nostri computer, saltando continuamente da una lingua all'altra, alcuni di noi con fatica, altri, i più giovani, con assoluta naturalezza. È da questa realtà che è necessario partire, per riflettere sul presente e sul futuro dell'insegnamento e della ricerca nel campo degli studi italiani e umanistici in generale. I tempi sono cambiati o meglio, i tempi cambiano continuamente, e chi fa Cultura ha il compito psicotico e dissociato di difendere l'enorme patrimonio accumulato in migliaia di anni di storia umana e accompagnare il ritmo veloce della modernità. Non si può rinunciare a capire il passato in nome di una semplificazione presente, senza dubbio rassicurante, ma neppure chiudersi

\* Nata a Livorno nel 1978. Laureata in Lingua e Letteratura Portoghese all'Università di Pisa, ha conseguito il Dottorato di Ricerca in Letterature Compare e Traduzione del Testo Letterario presso l'Università di Siena nel 2007. Attualmente è lettrice di Italiano presso la Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dove svolge la sua attività di ricerca come borsista post-doc della FCT.

oltre le sbarre di una coazione a ripetere fine a se stessa, che impoverisce quello che è il compito primo delle *humanitates*, comprendere l'umano in tutte le sue diverse sfumature semantiche e storiche. Questa riflessione sul nostro posto nella modernità è il principio guida a cui il gruppo di docenti e studenti dell'Instituto de Estudos Italianos (EI), ora anche designato come Área de Italiano, della Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) si ispira, nello strutturare il proprio lavoro, come traspare dai risultati ottenuti su molteplici fronti di azione.

## 1. LA DIDATTICA

La didattica è, assieme alla ricerca, uno dei cardini dell'istituzione universitaria e come tale uno dei principali fuochi di attività dell'EI, che ha saputo riformularla secondo quel principio di Spazio Europeo dell'Istruzione Superiore suddiviso in tre livelli previsto dal processo di Bologna. Alla Facoltà di Lettere di Coimbra è possibile studiare la lingua, la cultura e la letteratura italiana seguendo percorsi eterogenei e in diversi momenti della propria formazione. L'italiano ricopre un ruolo di primo piano all'interno del corso di laurea in Línguas Modernas, come testimonia l'elevato numero di studenti che sceglie di inserirlo fra le lingue previste dal piano di studi. Tale scelta implica lo studio approfondito non solo della Lingua, ma anche della Linguistica, della Letteratura e della Cultura italiane. È importante ricordare che, in questo momento, gli studenti portoghesi hanno la possibilità di laurearsi in Italiano come lingua del suddetto corso di laurea solamente presso la Facoltà di Lettere di Coimbra. La lingua italiana è inoltre una delle scelte previste nell'ambito di altri corsi di laurea, alcuni di recente creazione come Turismo, Lazer e Património e Estudos Europeus, ma anche di indirizzi "storici"

come quello del corso di laurea in Estudos Portugueses e Lusófonos; tuttavia, lo studio della Lingua, della Cultura e della Letteratura italiane, secondo una visione europeista e internazionale in genere propria della nostra epoca, è possibile come disciplina opzionale per tutti gli studenti non solo di altri corsi di laurea della FLUC, ma di tutto l'Ateneo conimbricense. L'incontro fra percorsi di studi diversi si rivela proficuo per tutti gli allievi coinvolti e per i docenti, che si trovano ad affrontare esigenze multiple e dunque più stimolanti, esperienza che ha contribuito ad arricchire sia il modo di insegnare, sia lo spettro di argomenti trattati a lezione. Si lavora in un *open space* virtuale che di anno in anno diventa sempre più ampio e variegato, senza per questo perdere il rigore intellettuale che da sempre caratterizza gli studi italiani a Coimbra. Inoltre, per fomentare ancora di più l'integrazione e lo scambio di idee e opinioni, gli EI hanno aderito con convinzione al primo esperimento di tutoraggio accademico (*Tutorias*) istituito dalla FLUC per gli studenti del primo anno, seguendo più da vicino e in modo continuato i progressi, i problemi e le difficoltà delle matricole di Línguas Modernas che hanno inserito le discipline di italianistica nel loro piano di studi triennale.

Oltre alla presenza all'interno dei corsi di laurea di primo livello (*Licenciatura*), il lavoro degli EI si estende anche al secondo livello della formazione universitaria (*Mestrado*). È attivo un seminario di traduzione portoghese-italiano all'interno del Mestrado em Tradução, nell'ambito del quale si sono svolte, oltre all'attività didattica curricolare, diverse iniziative collaterali, come si vedrà più avanti. Gli studi di traduzione sono una delle aree scientifiche più feconde degli ultimi decenni, perché coagulano, attorno al proprio oggetto e alla propria prassi di studio, discipline tradizionalmente insegnate separatamente. Si pensi agli studi linguistici e a tutta la riflessione sul funzionamento e la struttura dei diversi idiomi e linguaggi, alla semiotica,

ma anche ai moderni studi culturali, che della semiotica e dell'antropologia sono filiazione diretta, indispensabili per una teoria e una prassi traduttive che non solo riescano a condensare il senso profondo dell'operazione che mettono in atto, ma permettano al traduttore di arrivare a un prodotto finito che dell'originale rifletta le molteplici sfaccettature. È evidente che quando si lavora fra quelle che il Quijote di Cervantes definiva, sprezzante, "lingue facili", ovvero le lingue romanze come l'italiano e il portoghese, si apre un ventaglio di infinite possibilità interpretative che aiutano a comprendere non solo le diversità e le intemperanze di una lingua e di una cultura altra rispetto alla propria, ma anche le somiglianze e le ragioni sommerse di queste affinità. La rete di relazioni tra la cultura italiana e quella portoghese è dunque ancora una volta al centro del complesso lavoro di tessitura che a Coimbra si porta avanti dall'inizio del secolo scorso, gli anelli esterni di un immaginario arazzo circolare, che si arricchiscono di colori e disegni sempre nuovi e nitidi, al contrario di quanto affermava l'Hidalgo cervantino, quando descriveva la traduzione da una lingua "facile" come il retro di un arazzo<sup>1</sup>. L'innegabile prossimità linguistica tra il portoghese e l'italiano, assieme all'interesse che la letteratura italiana classica e contemporanea suscita fra coloro che si dedicano agli studi letterari in senso comparatista, sono senza dubbio due delle ragioni dell'attivazione di due seminari di *Literatura e Cultura de Língua Italiana* all'interno di un altro corso di secondo livello (*Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas*). Il successo riscosso fra studenti provenienti da diversi percorsi didattici, e non sempre conoscitori esperti della lingua italiana, è una prova inconfutabile del fatto che la letteratura italiana attrae per la funzione fondante che ha avuto per la letteratura europea dall'Umanesimo all'Arcadia,

<sup>1</sup> Cfr. Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*, ed. de Francisco Rico, Barcelona: Crítica, 1998. Parte segunda, cap. LXII.

ma anche per gli scenari di innovazione che apre sul limitare del XXI secolo.

Se l'italianistica conquista sempre maggiore successo all'interno dei diversi corsi di studio offerti dalla FLUC, la lingua italiana è un grande catalizzatore di aspiranti "parlanti", molto spesso esterni all'istituzione universitaria, che trovano nei corsi di lingua serali del Centro de Línguas della FLUC ottima risposta. A livello organizzativo e didattico, i corsi sono preparati e amministrati in costante sinergia con i professori di lingua degli EI e supervisionati dal loro coordinatore. L'insegnamento della lingua italiana a un pubblico esterno alla FLUC ha la propria origine nei corsi attivati grazie al contributo erogato dal Ministero per gli Affari Esteri all'Università di Coimbra dal 2002 al 2006.

In questo momento, si tengono corsi di lingua prossimi ai livelli A1 e A2 del Quadro di Riferimento Europeo, frequentati non solo da studenti di altre Facoltà che non possano seguire i corsi tenuti nell'ambito della Licenciatura, ma soprattutto da ricercatori, docenti e professionisti in genere per i quali l'italiano è una lingua importante a livello professionale, oltre ai sempre numerosi appassionati *tout court*. I corsi liberi di Italiano del Centro de Línguas della FLUC sono l'unica offerta di insegnamento della lingua a livello cittadino, dato questo che li rende di particolare rilievo nell'ambito della diffusione della cultura italiana nella città universitaria.

Per far sì che quest'immenso capitale culturale non si trasformi in una sterile e imperfetta replica in vivaio di un'Italia distante e, spesso, solo immaginaria, è necessario mantenere vivi i legami con la lingua e l'ambiente universitario e culturale italiano. Primo grande aiuto arriva agli EI dai sempre più numerosi progetti di interscambio universitario. Primo fra tutti il Programma di Istruzione Socrates/Erasmus, grazie al quale ogni anno approdano agli EI allievi italiani o stranieri che studiano discipline legate all'italianistica nel proprio paese

d'origine, iscritti al primo o al secondo livello di istruzione universitaria. La presenza di studenti italiani provenienti dalle Università di Bari, Bologna, Siena, Pisa, Milano, Firenze, Roma (La Sapienza), Torino e Lecce (Salento), con le quali la FLUC ha stipulato protocolli di collaborazione, è molto importante per stimolare non solo i progressi linguistici degli allievi dell'ateneo portoghese, ma scambi culturali di ogni genere. Grazie ai numerosi momenti di lavoro e di aggregazione proporzionati, come si vedrà in seguito, dagli EI, studenti italiani, portoghesi e di altre nazionalità si incontrano intorno alla lingua italiana che funziona da piattaforma comune di comunicazione. Il programma Socrates/Erasmus prevede inoltre il finanziamento della mobilità dei docenti, sia in entrata che in uscita. Docenti universitari italiani vengono così a Coimbra per tenere lezioni, seminari e conferenze agli studenti della FLUC, offrendo loro un'importante possibilità di contatto con la ricerca e la didattica italiana più attuale. Allo stesso modo, docenti degli EI svolgono attività didattica e di ricerca in Università italiane ed estere, contribuendo a divulgare il lavoro di ricerca svolto a Coimbra.

All'interno del Programma di Istruzione Socrates/Erasmus, è contemplata anche una particolare forma di tirocinio denominata Erasmus Placement, da svolgersi presso le Università consorziate. Gli EI ricevono ogni anno tirocinanti italiani che si inseriscono all'interno delle diverse attività didattiche e di ricerca, proporzionando ai giovani italiani esperienze lavorative utili per il loro futuro e l'occasione di apprendere a "stare fra le lingue e le culture", nell'accezione che a questo sintagma dà Antonio Prete, all'interno di un paradigma antropologico di ospitalità – *hospes* nel senso di chi ospita e chi è ospitato – che qualunque processo di traduzione e scambio linguistico implica<sup>2</sup>. In modo speculare,

<sup>2</sup> Cfr. A. Prete, S. Dal Bianco, R. Francavilla, *Stare tra le lingue. Migrazioni, poesia, traduzione*, Lecce: Manni, 2003.

gli EI consigliano ai propri allievi di trascorrere un periodo di studio in Italia, non solo nei modi previsti dal progetto Erasmus/Socrates, ma anche grazie all'attribuzione di borse di studio per frequentare corsi di lingua e cultura durante i mesi estivi. Fra le molte possibilità, ricordiamo le borse di studio attribuite ogni anno dalla Università per Stranieri di Perugia e l'Università per Stranieri di Siena, dall'Istituto Italiano di Firenze e dalla Università Dante Alighieri di Reggio Calabria.

Per quanto riguarda l'insegnamento della lingua italiana, gli EI sono in contatto diretto con i centri DITALS (Certificazione di Competenza in Didattica dell'Italiano a Stranieri) e CILS (Certificazione di Italiano come Lingua Straniera) dell'Università per Stranieri di Siena, all'avanguardia nella didattica della lingua italiana per stranieri e nella certificazione degli insegnanti. Dal 2009, gli EI sono uno dei centri convenzionati per gli esami DITALS, unica sede in Portogallo, e partecipano attivamente ai seminari di ricerca organizzati dall'ateneo senese. Gli EI sono inoltre Partner Didattico del progetto ICoN (Italian Culture on the Net), consorzio composto da ventuno Università italiane che opera in convenzione con il Ministero degli Affari Esteri, nato nel 1999 con il patrocinio della Presidenza della Camera dei Deputati e con il sostegno della Presidenza del Consiglio dei Ministri e del Ministero dell'Università, con lo scopo di promuovere e diffondere la lingua e la cultura dell'Italia nel mondo attraverso tecnologie telematiche. Presso gli EI è possibile sostenere gli esami del Corso di Laurea in Lingua e Cultura Italiana promosso da ICoN, destinato a studenti italiani o stranieri residenti all'estero.

Le risorse umane, tuttavia, non sono proporzionali alla capacità di lavoro che è richiesta agli EI per mantenere alto lo standard delle proprie molteplici attività. Il numero di docenti è, purtroppo, nettamente inferiore al numero di allievi e di corsi da tenere.

Le attività legate alla didattica della lingua italiana sono dunque molteplici, ma dove si incontrano tutti coloro che vi sono coinvolti o che, più in generale, gravitano attorno agli EI? In primo luogo, nella Biblioteca dello storico Istituto di Studi Italiani, dove studenti, docenti, tirocinanti, collaboratori e amici dell'italiano a Coimbra si trovano quotidianamente, per studiare, lavorare, discutere e scambiare idee. L'apertura di uno spazio libero di accoglienza si è rivelata di grande importanza per stimolare l'interesse intorno alla lingua e alla letteratura italiana, soprattutto quando lo spazio in questione è costituito da una delle biblioteche italiane più antiche e più fornite del Portogallo. Affinché resti tale, diventa necessario l'acquisto di nuovi materiali bibliografici, purtroppo non sempre possibile a causa della ridotta disponibilità finanziaria. Insomma, l'entusiasmo e le capacità non sempre riescono a sopperire a problemi concreti che trascendono la volontà di chi, ogni giorno, si dedica con passione al proprio lavoro.

Tuttavia, ai giorni nostri, non è più sufficiente un luogo d'incontro fisico, limitato nello spazio e nel tempo. Per questa ragione, gli EI hanno deciso di entrare a far parte delle nuove reti sociali, aprendo un profilo Facebook chiamato simbolicamente Italia Coimbra. Italia Coimbra è un'entità collettiva che rappresenta tutti quelli che nella città del Mondego si sentono in qualche modo legati all'Italia, una sorta di Giunone pronuba che favorisce i legami fra i propri amici, facendoli incontrare sulle note di una canzone o fra i versi di un poeta italiano. Sulla bacheca di Italia Coimbra si lasciano messaggi di benvenuto e di arrivederci, si dibattono questioni testuali e si raccontano barzellette, esattamente come se ci si trovasse fra i tavoli di un caffè letterario, con la differenza che vi si possono incontrare 100 persone allo stesso tempo senza fare troppo rumore... Il ricorso ai social network non è determinato unicamente da una volontà di approssimazione ai più giovani, non si tratta di una strizzatina d'occhio

paternalistica: nasce dalla convinzione che la rete è veramente capace di potenziare le relazioni umane, grazie a uno scambio sempre più veloce e libero di informazioni e contenuti, una specie di elettrostimolazione neuronale alla quale nessuno di noi può, né deve sottrarsi. E le continue richieste di amicizia di Italia Coimbra ne sono la prova più schiacciante.

## 2. LA RICERCA

Può esistere la didattica senza la ricerca? Senza dubbio sì, ma quando si mette da parte l'elemento principe della costruzione del sapere, qualunque aspetto dell'istituzione universitaria ne risente. Che cosa potremmo insegnare ai nostri allievi se ci fermassimo, se decidessimo di non sfidarcì oltre, di non continuare a esplorare le infinite branche dello scibile umano che tengono vivo il nostro interesse? Come potremmo comunicare il nostro entusiasmo per lo studio se non lo avessimo? È per questa ragione che gli EI investono molto nel settore della ricerca, in primo luogo proponendosi come *hospites* per i molti ricercatori italiani e di altre nazionalità che svolgono una parte dei propri studi a Coimbra, nell'ambito delle scienze umane e, soprattutto, dei rapporti culturali Italia-Portogallo. La Biblioteca di Studi Italiani è, come si è detto, punto di ritrovo privilegiato di questi ricercatori, dove si mantiene vivo il dibattito culturale in modo trasversale alle proprie competenze specifiche e al proprio grado di istruzione: laureandi e dottorandi, ma anche ricercatori a tempo determinato o borsisti post-doc, in sinergia con i docenti a tempo indeterminato, promuovono seminari e riunioni informali per discutere il proprio lavoro, che nascono spontaneamente da una necessità di dialogo e di confronto che spesso la condizione del ricercatore-asceta isolato da un contesto di lavoro, propria dei nostri giorni, finisce con l'acuire.

Attraverso questa rete di ricercatori, gli EI mantengono relazioni permanenti con numerosi centri di ricerca, portoghesi e italiani, ai quali ciascuno dei loro membri è in qualche modo legato. Ricordiamo, in particolare, il Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC), punto di riferimento internazionale per gli studi dedicati a Camões e l'Istituto di Linguistica Computazionale dell'Università di Pisa, ma anche il Centro Studi Europa delle Corti, che promuove e organizza ricerche sul fenomeno "corte" nell'Europa dell'antico regime.

Gli EI sono inoltre sede della redazione della rivista *Estudos Italianos em Portugal* sui cui abbiamo l'onore di pubblicare questo nostro contributo, risorta dalle ceneri del tempo con la Nuova Serie, per promuovere in modo nuovo, ma sempre rigoroso, lo studio dei rapporti culturali fra Italia e Portogallo. Oltre alla cura della rivista, gli EI coordinano la compilazione annuale della sezione portoghese della Bibliografia Generale della Lingua e della Letteratura Italiana (BiGLLI), pubblicazione di grande utilità per gli studi di italianistica a livello internazionale, dove si raccolgono i contributi critici dedicati a temi italiani e le traduzioni di opere italiane in lingua portoghese. *Last but not least*, ricordiamo la cura della collana di studi critici *Leonardo*, insignita con il premio Flaiano Italianistica 2005, di cui sono stati già pubblicati cinque numeri tematici. La collana è filiazione diretta di una delle principali attività di ricerca organizzate dagli EI che riferiremo in seguito, gli *Encontros de Italianistica*, che riuniscono regolarmente a Coimbra studiosi provenienti da Università portoghesi e di tutto il mondo. La serie *Leonardo* ci permette di transitare così all'ultima sezione delle attività degli EI, il cui obiettivo è portare la riflessione a un livello più profondo, dentro e fuori dalle mura dell'Università di Coimbra.

### 3. A ITALIANÍSTICA ESTÁ NA RUA

Quando pensiamo alle attività culturali che gli EI organizzano per un pubblico più ampio rispetto a quello accademico, ci viene in mente il celebre quadro che la pittrice portoghese Vieira da Silva dipinse in occasione della *Revolução dos cravos*. Vieira scelse di ritrarre la strada di una città azzurra, verticale, percorsa da un gruppo di persone con dei garofani rossi in mano, osservati da altre persone che sostano alla finestra o sul limitare di una porta. Il titolo è scritto nella parte più bassa del quadro e recita *A poesia está na rua*, a significare che il valore profondo di quella rivoluzione era che, finalmente, la libertà di espressione artistica era possibile in Portogallo, grazie all'azione di quegli uomini e di quelle donne. Così gli EI si affacciano alle aule e scendono in strada, perché il sapere che insegnano e che producono possa entrare in contatto con il mondo universitario e la comunità in generale.

Da questa idea di contatto nascono gli *Encontros de Italianística*, giornate di studio spesso organizzate nell'ambito della Settimana Culturale dell'Università di Coimbra, da cui prendono spunto nella scelta del tema di riflessione. Siamo giunti nel 2010 al sesto di questi incontri, dedicato al tema della Repubblica in Italia, quando si celebrano in Portogallo i cento anni della nascita della Repubblica portoghese. Nell'arco degli ultimi sei anni sono stati discussi temi importanti e trasversali alla cultura italiana e portoghese, come il rapporto che intercorre fra Letteratura e Immaginazione, l'opera di Francesco Petrarca nell'anno del settimo centenario della nascita del poeta e la ricezione di Pirandello in Portogallo. Tuttavia, il 2009 è stato forse uno degli anni più interessanti per gli *Encontros de Italianística*, in cui si è realizzata con maggiore naturalezza l'integrazione tra spazio interno ed esterno all'Università. In occasione del Centenario del Manifesto Futurista di Marinetti si sono moltiplicate

in Italia e all'estero le celebrazioni dedicate alla prima avanguardia del Novecento, movimento di rottura che, volente o nolente, ha cambiato per sempre le sorti della letteratura, della musica e delle arti in genere. E al Futurismo è stato dedicato il V *Encontro de Italianística*, con particolare attenzione a un gruppo di giovani artisti di Coimbra che ci ha lasciato un'interessante interpretazione della poetica futurista. La forza dirompente del futurismo, tuttavia, non è stata solamente discussa in un anfiteatro universitario, ma osservata, annusata e assaporata in una divertente performance artistica, organizzata dalla UC, dove un pubblico più ampio e diverso ha avuto l'opportunità di entrare in contatto diretto con una delle emanazioni più immediate dell'avanguardia: la cucina futurista. Il movimento impresso dalle manifestazioni culturali del 2009 ha avuto il suo seguito nell'anno accademico seguente, quando gli EI hanno accolto diverse conferenze dedicate all'arte e alla letteratura futurista. Ed è in questo tipo di eventi paralleli all'attività scientifica che gli EI ritengono si debba investire perché la cultura italiana e le sue diverse emanazioni possano uscire allo scoperto e andare incontro a un pubblico sempre più ampio.

Ancora nel 2009, gli EI, in collaborazione con l'organizzazione culturale Colectivo Nefasto, motore primo dell'iniziativa, ha portato uno degli autori più importanti del Novecento italiano addirittura sulle strade ferrate portoghesi. Con una performance tratta da *Se una notte di inverno un viaggiatore*, Italo Calvino ha parlato a Coimbra molte lingue e dialetti diversi, nelle traduzioni curate da un gruppo di studenti di varie nazionalità in collaborazione con il seminario di traduzione italiano-portoghese del Mestrado em Tradução. Attori e traduttori hanno portato le riflessioni sulla lettura e il viaggio direttamente nelle carrozze del treno che collega regolarmente le stazioni di Coimbra B e Coimbra A. La performance è poi finita con una mostra di opere d'arte ispirate al romanzo di Calvino, allestita all'interno di un hangar della

stazione Coimbra B, adibito per l'occasione a sala espositiva e a sala concerto. Un luogo di passaggio, privo di vita, se non nella routine di qualche centinaia di viaggiatori solitari, si è trasformato per una notte in un centro vivo di arte e di sapere, grazie alla forza della letteratura.

In seguito, un gruppo più ristretto di ricercatori e allievi italiani degli EI ha collaborato con il nucleo studentesco della Facoltà di Architettura dell'Università di Coimbra (NU), per organizzare una rassegna cinematografica dedicata alla città di Roma. Ogni proiezione è stata preceduta da una breve presentazione di un oratore e conclusa con una discussione sul film, sempre molto partecipata da parte degli studenti e dei docenti presenti (cf. <http://revistanu.tumblr.com>).

Non sempre, comunque, portare la cultura in strada è l'unico modo per offrire una nuova esperienza al pubblico che si interessa all'Italia e alla cultura italiana. Gli EI funzionano anche come veicolo verso centri tradizionalmente distanti dall'insegnamento universitario. È il caso del Teatro Nacional de São Carlos di Lisbona, unico teatro d'opera in Portogallo che, com'è inevitabile, aveva quest'anno in calendario un'opera in lingua italiana, sebbene non di un autore italiano. Un viaggio da Coimbra a Lisbona è stato sufficiente per catapultare alcuni studenti nel cuore della magia del bel canto, per la prima volta. In un teatro di rara bellezza, per l'eleganza e la perfezione della sua architettura, abbiamo assistito alle *Nozze di Figaro*, dove la lingua italiana gioca a rincorrersi con il genio musicale di Mozart, in un intreccio continuo di emozioni. La generazione dei social network si commuove ancora con i gorgheggi mozartiani e ride delle sorti dei suoi personaggi, in un congelamento improvviso del *gap* temporale che li divide, operato ancora una volta dal loro interesse per la lingua italiana e le arti di cui è espressione.

Se gli EI hanno portato gli studenti di Coimbra a Lisbona ad ascoltare il connubio Mozart - Da Ponte, chiude in grande

l'A.A. presente, dopo aver contribuito a mostrare al pubblico di Coimbra una selezione del miglior cinema italiano contemporaneo. Il Teatro Académico Gil Vicente (TAGV) ha accolto, per la prima volta a Coimbra, *8½ – Festa do Cinema Italiano*, festival interamente dedicato alla settima arte in Italia che da tre anni a questa parte entusiasma il pubblico portoghese a Lisbona e a Porto. L'arrivo del cinema italiano a Coimbra è stato salutato con entusiasmo dalla comunità accademica così come dalle autorità locali, che hanno dato sostegno all'iniziativa, ma soprattutto dal pubblico conimbricense che ogni sera ha riempito la grande sala del TAGV. Complice dell'interesse per un cinema poco conosciuto in terra lusitana, se non per i suoi celebri antenati, è stata senza dubbio la presenza in sala dei registri di due dei film in programmazione, Susanna Nicchiarelli e Valerio Mieli, entrambi appartenenti alla nuova generazione di cineasti italiani, che hanno risposto alle molte domande degli spettatori, in un dibattito sincero e sentito che si è protratto dopo lo spegnersi delle luci del teatro, sulla soglia di una notte calda di inizio estate colorata dal viola dei fiori di *jacarandá*.

Quale futuro, dunque, per l'italianistica in Portogallo? O meglio, che cosa significa oggi lavorare con l'italianistica, in Portogallo come altrove? In un contesto europeo dove la conoscenza degli idiomi comunitari acquista sempre maggiore importanza, crediamo che anche l'italiano dovrebbe essere una delle lingue straniere insegnate nella scuola superiore portoghese, alla pari dell'inglese, del francese, del tedesco e dello spagnolo. In primo luogo, ciò garantirebbe uno sbocco professionale ai nostri numeri allievi, ma anche gli studi italiani in genere ne trarrebbero beneficio, ricevendo studenti già "ferrati" in materia, con i quali si potrebbe lavorare su un altro livello di profondità.

Ecco perché l'esempio interpretativo di Vieira da Silva, scendere nelle strade, nelle piazze, nei teatri, nelle librerie e in tutti i luoghi di cultura viva, è fondamentale, per garantire

il perpetrarsi in nuove forme di quel tesoro di sapere e rigore che sta alla base di questa nostra grande tradizione di studi. Condizione necessaria e sufficiente perché ciò accada è, però, trascorrere una buona parte del tempo rintanati nei corridoi freschi e carichi di storia delle nostre antiche biblioteche, per uscirne rinfrancati dal sano piacere dello studio e della ricerca, che in ogni modo cerchiamo di continuare a trasmettere in questo celere e scoppiettante terzo millennio.

## SÚMULA LEGISLATIVA

RITA MARNOTO

Decreto publicado no *Diário do Governo*, n.º 109, de 11 de Maio de 1911, com força de lei de 9 de Maio, da Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial. Organiza o plano de estudos das Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e de Lisboa. No seu artigo 2.º, institui cinco secções, e na de Filologia Românica estabelece a leccionação de uma disciplina de Literaturas Espanhola e Italiana. No seu artigo 5.º, prevê o funcionamento de cursos livres gerais ou especiais, medida que virá a ser reiteradamente confirmada por ulterior legislação.

Decreto n.º 4 945, *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 241, de 7 de Novembro de 1918, da Repartição de Instrução Universitária da Secretaria de Estado da Instrução Pública, o qual, na sequência do Decreto n.º 4 651, *Diário do Governo*, 1.ª série, 2.º suplemento, n.º 157, de 14 de Julho de 1918, determina as disciplinas que devem constituir as diversas secções e estabelece o plano curricular da Licenciatura em Filologia Românica, com quatro anos, continuando a disciplina de Literaturas Espanhola e Italiana a ser integrada na mesma secção.

Decreto n.º 12 677, *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 257, de 17 de Novembro de 1926, da Direcção Geral do Ensino

Superior, Secundário e Artístico do Ministério da Instrução Pública. Estabelece o plano geral de estudos, autonomizando uma disciplina de História da Literatura Italiana, semestral, e outra de História da Literatura Espanhola, anual, ambas leccionadas no 4.º ano da licenciatura em Filologia Românica. Pelo decreto n.º 18 003, *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 46, de 25 de Fevereiro de 1930, da Direcção Geral do Ensino Superior, Secundário e Artístico do Ministério da Instrução Pública, Literatura Espanhola passará a semestral.

Decreto n.º 17 063, *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 149, de 3 de Julho de 1929, da Direcção Geral do Ensino Superior, Secundário e Artístico do Ministério da Instrução Pública. O plano curricular reitera o estudo da literatura italiana, nos mesmos termos, com a disciplina que passa a ter a designação de Literatura Italiana. Será confirmado por posterior legislação.

Decreto n.º 41 341, *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 246, de 30 de Outubro de 1957, da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes do Ministério da Educação Nacional, que reformula o plano curricular da Licenciatura em Filologia Românica, a qual passa a ter cinco anos. Consagra a leccionação não só de conteúdos literários, mas também de língua italiana, com a disciplina Língua e Literatura Italiana, inserida no quinto ano da licenciatura em Filologia Românica. Nesse mesmo ano, insere-se um seminário, cujos conteúdos se podem alargar a toda a área de estudos da filologia românica.

Decreto n.º 48 627, *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 241, de 12 de Outubro de 1968, do Ministério da Educação Nacional, que institui o grau de bacharel, no final do terceiro ano da licenciatura, o qual confere habilitação académica suficiente para admissão ao estágio de preparação para

professores. A disciplina de Língua e Literatura Italiana passa para o quarto ano, em regime de opção condicionada com Língua e Literatura Espanhola.

Decreto n.º 53, *Diário da República*, 1.ª série, n.º 124, de 31 de Maio de 1978, do Ministério da Educação e Cultura. Substituí, ao grau de bacharel e às licenciaturas em Filologia Românica e em Filologia Germânica, a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, num regime de variantes, com a duração de quatro anos. A um tronco comum, acrescentam-se duas línguas e literaturas que o aluno pode escolher, entre alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e português. A italianística é assim colocada em pé de igualdade com as restantes línguas e literaturas modernas estrangeiras. A sua leccionação reparte-se por quatro disciplinas anuais de língua, Italiano I, Italiano II, Italiano III e Italiano IV (Língua e Cultura), e três de literatura, Literatura Italiana I, Literatura Italiana II e Literatura Italiana III, esta última em regime de opção condicionada. É prevista, ademais, uma disciplina de Cultura Italiana, cuja frequência é facultativa.

Portaria n.º 844, *Diário da República*, 1.ª série, n.º 248, de 28 de Outubro de 1987, do Ministério da Educação, com efeito para a Universidade de Coimbra. Admite apenas a combinação de italiano com português, ao mesmo tempo que institui como obrigatória, neste caso, a disciplina de Cultura Italiana. Além disso, integra uma cadeira anual de Literatura Italiana no plano curricular da variante de Estudos Portugueses, em regime de opção condicionada com Literatura Espanhola. A partir do terceiro ano do curso, é oferecida a possibilidade de realizar um conjunto de disciplinas de opção em ciências da educação que dá acesso ao estágio profissional para professores, a realizar no quarto ano da licenciatura. Contudo, italiano e espanhol não são contemplados por essas saídas profissionais, por não serem ensinados

no ensino médio. A partir deste momento, o plano de estudos da Universidade de Coimbra passará a ter uma estrutura própria, diferente do de outras Universidades.

Despacho n.º 1, *Diário da República*, 2.ª série, n.º 57, de 9 de Março de 1993, suplemento, da Universidade de Coimbra, que cria a licenciatura em Jornalismo na sua Faculdade de Letras. É a primeira das novas licenciaturas a integrar no seu plano curricular a possibilidade de estudar italiano, ao incluir uma disciplina anual de Língua Estrangeira em cada um dos seus quatro anos. De entre as várias línguas modernas leccionadas na Faculdade, são escolhidas duas, cada uma das quais é estudada por dois anos.

O plano curricular teve várias reformulações. O Despacho n.º 21 355, *Diário da República*, 2.ª série, n.º 238, de 13 de Outubro de 2001, em associação com a acta de aprovação da proposta no Conselho Científico da Faculdade de Letras, mantêm o estudo de línguas estrangeiras modernas, excluindo do leque de possibilidades o italiano.

Despacho n.º 9 466, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 111, de 14 de Maio de 2003, que reformula o anterior plano curricular do Curso de Especialização em Tradução, do qual passam a constar quatro seminários de Opção Disciplinar, distribuídos pelos seus quatro semestres, sendo contemplada a possibilidade da escolha de Tradução Italiano-Português 1 no primeiro semestre e de Tradução Italiano-Português 2 no segundo semestre.

O plano curricular teve várias reformulações e, de acordo com o modelo de Bolonha, passou a segundo ciclo de estudos em Tradução com a duração de dois anos. O Despacho n.º 8 842, do *Diário da República*, 2.ª série n.º 60, de 26 de Março de 2008, institui em regime de opção, no primeiro ano, que é curricular, os seminários de Tradução Italiano-Português 1 durante o primeiro semestre e de Tradução Italiano-Português 2 durante o segundo semestre.

Despacho n.º 9 988, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 116, de 20 de Maio de 2003, que altera os planos de estudos de toda a Faculdade de Letras, na sequência da aprovação do plano estratégico, e semestraliza as disciplinas. Mereceu nova publicação pelo Despacho n.º 17 628, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 157, de Agosto de 2005, com uma rectificação pelo Despacho n.º 800, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 99, de 23 de Maio de 2006. No novo plano curricular de Línguas e Literaturas, anteriormente aprovado pela deliberação do Senado da Universidade de Coimbra n.º 37, de 26 de Fevereiro de 2003, sob proposta da sua Faculdade de Letras, é incluída a licenciatura na variante de Estudos Portugueses e Italianos. São previstos, no âmbito do novo plano curricular, dois ramos específicos, via de ensino e via científica. Na licenciatura em Estudos Portugueses, inserem-se, em regime de opção condicionada, Língua Estrangeira I, no segundo semestre da licenciatura, e Língua Estrangeira II, no terceiro semestre, que contemplam a possibilidade de escolher italiano, entre as várias línguas estrangeiras modernas leccionadas na Faculdade; e Literatura Italiana, no quarto semestre (a seleccionar, pelos estudantes, entre Literatura Espanhola ou Literatura Italiana ou Literatura Francesa).

Sucessivamente, em reunião da Comissão Coordenadora do Conselho Científico da Faculdade de Letras, realizada a 29 de Maio, é tomada a deliberação de suspender a abertura de vagas para o primeiro ano da licenciatura na variante de Estudos Portugueses e Italianos e a área dos Estudos Italianos é sujeita a restrições de funcionamento. A Direcção do Instituto de Estudos Italianos pede a sua demissão.

Despacho n.º 13 711, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 162, de 12 de Julho de 2004, que cria as licenciaturas em Estudos Europeus e em Turismo, Lazer e Património, as quais contemplam a possibilidade de estudar línguas

estrangeiras modernas em várias modalidades. Com a mais recente remodelação da licenciatura em Estudos Europeus segundo o modelo de Bolonha, pelo Despacho n.º 13 417, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 122, de 27 de Junho de 2007, é possibilitada a frequência de dois semestres de italiano, em regime de opção entre outras línguas estrangeiras modernas. Por sua vez, com a mais recente remodelação da licenciatura em Turismo, Lazer e Património segundo o modelo de Bolonha, pelo Despacho n.º 3 908, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 43, de 3 de Março de 2010, é possibilitada a frequência de dois semestres de italiano, em regime de opção entre outras línguas estrangeiras modernas.

Despacho n.º 13 799, do *Diário da República*, 2.ª série, de 30 de Junho de 2006, que, na sequência da deliberação do Senado da Universidade de Coimbra n.º 29, de 4 de Janeiro de 2006, aprova a criação da licenciatura em Línguas Modernas, segundo o modelo de Bolonha. São previstos quatro percursos. A licenciatura em italiano é reaberta, mas é a única excluída da via ensino, depois de o Despacho normativo 14/99 ter criado o grupo de ensino de Espanhol e ter introduzido oficialmente o ensino da língua nas escolas de nível médio. Prevê-se o funcionamento de três disciplinas de literatura italiana, Literatura Italiana 1, 2 e 3; três disciplinas de cultura, Cultura Italiana 1, 2 e 3; três disciplinas de linguística, Linguística Italiana 1, 2 e 3; e seis disciplinas de italiano, Italiano 1, 2, 3, 4, 5 e 6, além de opções disciplinares de área, como sejam Estudos Luso-Italianos 1 e 2; Tradução Italiano-Português 1 e 2; Culturas Italianas no Mundo 1 e 2; Culturas Italianas Regionais; Cultura Italiana do Renascimento; Cultura Italiana Contemporânea; Literatura Teatral Italiana; História do Cinema Italiano. Em virtude das novas condições criadas, a Direcção do Instituto de Estudos Italianos reassume funções em 2005.

Despacho n.º 10 761, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 72, de 11 de Abril de 2008, que cria o segundo ciclo de estudos, segundo o modelo de Bolonha, em Estudos Literários e Culturais, com a duração de dois anos. O seu plano estabelece um tronco comum e áreas de especialização em Alemão, Espanhol, Francês, Italiano, Estudos Brasileiros e Literatura Comparada. Sucessivamente, o plano de estudos foi reformulado pelo Despacho n.º 7 632, do *Diário da República*, 2.ª série, n.º 52, de 16 de Março de 2009, que estabelece dois seminários de Literatura e Cultura Italianas, um no primeiro semestre curricular, outro no segundo, a serem frequentados pelos alunos que têm como área de especialização o italiano, por alunos da área de Literatura Comparada, que podem escolher três seminários de áreas diferentes, ou por alunos das restantes áreas de especialização, que têm um seminário em regime de opção.

# UNIVERSIDADE DE LISBOA

## ESTUDOS ITALIANOS NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

MARIA JOÃO ALMEIDA\*

O historial dos Estudos Românicos remonta, em Lisboa, ao Curso Superior de Letras instituído em 8 de Junho de 1859 por D. Pedro V. Mais tarde, já no século XX, no âmbito de uma grande reforma que perseguia a reorganização do ensino superior a nível nacional, o Decreto de 9 de Maio de 1911<sup>1</sup> viria conferir ao antigo Curso o estatuto de Instituição consolidada, com a instalação da Faculdade de Letras de Lisboa, em simultâneo com a fundação da Faculdade de Letras de Coimbra (integrada na respectiva Universidade), estabelecendo a Filologia Românica, designada 2.º Grupo, entre os restantes Grupos curriculares então criados.

No plano dos Estudos em Filologia Românica, com a duração de quatro anos (duração comum a todos os grupos), a Literatura Italiana comparecia emparelhada com a Literatura Espanhola numa única cadeira ministrada no 4.º ano em regime semestral. Uma meia dúzia de anos mais tarde, com a “primeira tentativa de correcção [...] da legislação de

\* Licenciada e doutorada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, lecciona Literatura e Cultura italianas nesta Faculdade desde 1990. Investigadora do Centro de Estudos Teatrais da UL, desenvolve actualmente investigação em história do teatro em Portugal e em literatura dramática italiana. Tem publicado artigos em livros e revistas e recentemente publicou o volume *O teatro de Goldoni no Portugal de Setecentos* (IN-CM, 2007).

<sup>1</sup> D.G., n.º 109 de 1911.

Onze”<sup>2</sup>, o Decreto-Lei n.º 4651, de 14 de Julho de 1918<sup>3</sup> (em vigor a partir do ano lectivo de 1918-1919) viria apenas ampliar o regime de duração da cadeira de semestral para anual. O segundo passo lógico ocorreria passados oito anos com o Decreto n.º 12 677, de 17 de Novembro de 1926<sup>4</sup>, que autonomizou as duas áreas cultural-literárias, uma e outra no 4.º ano do plano curricular de Filologia Românica.

Se com a reforma de 1930 nada de relevante haverá a assinalar no que respeita aos Estudos Italianos, a de 1957<sup>5</sup> regista a inovação de agregar o ensino da Língua Italiana ao da respectiva Literatura Italiana numa só cadeira de duração anual, de leccionação deslocada para o 5.º ano<sup>6</sup>. Onze anos depois, com a legislação de 1968<sup>7</sup>, conhecida pela “Reforma de Veiga Simão”, a cadeira de italianística, ainda com a mesma designação de Língua e Literatura Italiana, passa a obedecer ao estatuto de opção alternativa com a cadeira de Língua e Literatura Espanhola, integrada no 4.º ano curricular do Curso de Filologia Românica, situação que se manteve em vigor na Faculdade de Letras de Lisboa até ao ano lectivo de 1974.

Na sequência dos processos postos em andamento depois da Revolução de 25 de Abril, o 2.º grupo, de Filologia Românica, cindiu-se na FLUL, em obediência ao “critério científico”, em duas unidades departamentais, então designadas de “Literatura” e de “Linguística”, ao mesmo tempo que se criava um Instituto de Línguas destinado a ministrar o ensino das línguas vivas. Na prática, e na parte que respeita

<sup>2</sup> A. H. de Oliveira Marques, “Notícia Histórica da Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1961)”, Separata de *Ocidente*, 1970 p. 20.

<sup>3</sup> *D.G.*, I Série, n.º 157, 2.º Suplemento de 14 de Julho de 1918.

<sup>4</sup> *D.G.*, I Série, n.º 257.

<sup>5</sup> Dec. n.º 41 341 de 30 de Outubro de 1957, *D.G.*, I Série, n.º 246.

<sup>6</sup> Apesar da designação da cadeira, a língua italiana não foi ensinada pelo menos nos inícios da década de 60 de Novecentos, ao tempo em que a Prof.<sup>a</sup> Ester de Lemos a leccionou e de acordo com o seu próprio testemunho.

<sup>7</sup> Dec. n.º 48 627 de 12 de Outubro de 1968, *D.G.*, I Série, n.º 241.

aos Leitorados das línguas românicas, o Instituto ficou sob a tutela do Departamento de Linguística.

As licenciaturas asseguradas pelos novos departamentos obedeciam a um escalonamento de níveis que, globalmente, por razões pedagógicas, se podem designar de 1.º - introdutório, 2.º - intermédio (formação geral), 3.º e 4.º - avançados (especialização)<sup>8</sup>, 5.º - conclusão (do 5.º ano constava uma cadeira de natureza seminarial que visava preservar, por princípio, o espírito do trabalho individual da Tese de Licenciatura do currículo anterior).

Embora autónomas, e de currículos preenchidos em predominância de acordo com as respectivas áreas-objecto, as duas licenciaturas em Literatura e em Linguística não podiam deixar de continuar geminadas em vários pontos, entre outras razões, para além das de coerência curricular, pelas obrigações decorrentes da vocação da FLUL para a formação de futuros professores. E é a esse princípio de geminação que, na prática, se fica a dever a efectiva relação pedagógica entre as literaturas e respectivas línguas, agora integradas em distintos departamentos.

A nova licenciatura na área das Românicas (Literatura), designada “Licenciatura em Literatura”<sup>9</sup>, obedeceu a um plano curricular lançado no ano lectivo de 1974/1975 logo depois reajustado no ano de 1975/1976, oferecendo a cadeira de Literatura Italiana em regime de opção em dois anos e dois níveis (e assim também na cadeira de língua italiana realizada no Departamento de Linguística).

Embora sob a antiga designação de “Filologia Românica”, a partir do ano lectivo de 1976/1977<sup>10</sup>, este perfil curricular e

<sup>8</sup> *Anuário da Universidade de Lisboa*, Lisboa, U.L., 1971/72-1978/79, pp. 63-64.

<sup>9</sup> A razão para não se adjectivar o termo “Literatura” tinha por fundamento o primado da literatura nacional numa Faculdade portuguesa.

<sup>10</sup> Em 1976, O Ministério da Educação do Primeiro Governo Constitucional impôs a substituição das designações das Licenciaturas em “Literatura” e “Linguística” pela antiga nomenclatura “Licenciatura em Filologia Românica”,

o regime de oferta das literaturas e línguas italianas manteve-se em vigor até à aplicação da reforma instituída pelo Decreto n.º 53/78 de 31 de Maio que estabelecia o Curso de Línguas e Literaturas Modernas comportando diversas variantes.

Sem nos determos nas possibilidades combinatórias de diferentes áreas literárias propiciadas por este Decreto, nem nas alterações relativamente a reformas anteriores<sup>11</sup>, convém salientar que ele reforçava agora “a tendência modernizadora na organização dos cursos de Letras inaugurada em 1957, com a redução no plano curricular de cadeiras pertencentes a outros domínios culturais em benefício das áreas de especialização”<sup>12</sup>. Não se deve, no entanto, obliterar que, em substância, também aquela tendência modernizadora se encontra subjacente aos princípios norteadores das reestruturações ocorridas em 1974/1975 e 1975/1976, embora não suportadas por legislação oficial e apenas tacitamente aceites pelo Ministério da tutela.

Graças à reforma de 1978, pela primeira vez a área de Estudos Italianos, a par com outras áreas literárias estrangeiras, adquiriu uma importância expressiva nas Faculdades de Letras, com a criação das variantes de Estudos Portugueses e Italianos e de Franceses e Italianos. Na estrutura curricular de ambas figuravam quatro níveis de língua italiana distribuídos pelos quatro anos da Licenciatura, com a ressalva de, no

com distinção em “Ramo Literatura” e “Ramo Linguística”. Fica ainda implícito que o Ministério da Educação também não reconhecia a existência dos dois Departamentos autónomos, só mais tarde objecto de legalização. Em termos oficiais, tudo se passa como se a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas viesse substituir a antiga Filologia Românica.

<sup>11</sup> O Diploma suprimia o grau de bacharel, fixado pela Reforma de 1957, e reduzia para 4 anos a duração da licenciatura, extinguindo também a dissertação obrigatória para pós-graduação.

<sup>12</sup> Maria João Almeida e Cristina Sobral, “Letras Românicas na Faculdade de Letras: a sua história”, in *Se bem se lembra...* [Letras românicas: ensino e investigação. Jornada de reflexão e debate], Lisboa, Departamento de Literaturas Românicas da FLUL, 1994, p. 17.

último ano, o Italiano IV integrar as componentes de língua e linguística.

Quanto à Literatura Italiana, o seu ensino atingia os três níveis, a partir do 2.º ano da licenciatura. A Literatura Italiana III funcionava nas duas variantes acima nomeadas em opção alternativa com Literatura Portuguesa III e Literatura Francesa III, respectivamente. Segundo José da Costa Miranda, a divisão em três níveis estabelecida na literatura levou, na FLUL, a “uma caracterização, a bem dizer, propedêutica, da Literatura Italiana a nível do seu I ano. E a nível dos anos II e III de visões complementares, bem definidas, na sua formulação, pelo que uma visão global [...] [era] seguramente recolhida no final dos 3 anos de frequência da matéria, de acordo com o previsto nas duas variantes de Estudos Italianos [...]”<sup>13</sup>.

A aplicação desta mesma metodologia na distribuição das matérias pelos três níveis do ensino da Literatura Italiana teria continuidade após a entrada em vigor do estipulado em novo documento legal, a Portaria n.º 852/87 de 4 de Novembro<sup>14</sup>, proposta pela Universidade de Lisboa para a respectiva Faculdade de Letras. Preservando as variantes criadas pelo Decreto de 1978, esta reestruturação incidia fundamentalmente na variante de Estudos Portugueses e Franceses.

No que toca às variantes de Estudos Portugueses e Italianos e Franceses e Italianos da Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas ocorreram algumas alterações, consistindo a mais significativa na introdução da cadeira de Cultura Italiana, leccionada no 3.º ano. Além disso, no 4.º ano, era oferecida a opção por um dos dois conjuntos de disciplinas: Italiano IV e Literatura Italiana III ou Literatura Portuguesa III e Cultura Portuguesa II, na variante de Estudos

<sup>13</sup> José da Costa Miranda, *Dados Biográficos. Dados Bibliográficos*, Junho de 1992, p. 18.

<sup>14</sup> D.R., I Série, n.º 254, de 4 de Novembro de 1987.

Portugueses e Italianos, ou Literatura Francesa III e Cultura Francesa II, na variante de Estudos Franceses e Italianos.

No entanto, a novidade mais relevante da referida Portaria respeitava à criação do Ramo Educacional “que integrou nos programas de ensino da Faculdade de Letras a formação especializada para os licenciados que se destinam ao Ensino Secundário”<sup>15</sup>. As cadeiras de Didáctica das Línguas do Ramo Educacional não contemplavam, porém, as línguas italiana e espanhola por não fazerem parte do currículo do Ensino Básico e Secundário.

Em 2002<sup>16</sup>, a FLUL procedia a uma nova reestruturação do Curso em Línguas e Literaturas Modernas que passava a compreender dez variantes unidisciplinares e seis bidisciplinares<sup>17</sup>, com planos de estudos organizados em regime semestral. No tocante à área italiana, desaparecia a variante de Estudos Franceses e Italianos, dando lugar à variante em Estudos Italianos, mantendo-se por outro lado a de Estudos Portugueses e Italianos. Os Quadros I e II dão conta das disciplinas da componente italiana nas duas variantes, permitindo também observar os aspectos em que os dois planos curriculares se diferenciam.

QUADRO I – LLM - Estudos Portugueses e Italianos

Literatura Italiana	4 níveis	3.º, 4.º, 5.º e 6.º Semestres
Cultura Italiana	2 níveis obrigatórios 1 nível opcional	2.º e 3.º Semestres 5.º Semestre
Língua Italiana	8 níveis	Um por Semestre
Linguística Italiana	3 níveis obrigatórios 1 nível opcional	5.º, 6.º e 7.º Semestres 8.º Semestre

<sup>15</sup> Maria João Almeida e Cristina Sobral, *cit.*

<sup>16</sup> Deliberação n.º 78/2002, *D.R.*, II Série, n.º 25, de 30 de Janeiro de 2002.

<sup>17</sup> Na reforma de 1978, a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas comportava onze variantes, todas bidisciplinares à excepção dos Estudos Portugueses.

QUADRO II – LLM – Estudos Italianos

Literatura Italiana	5 níveis	3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º Semestres
Cultura Italiana	2 níveis obrigatórios 1 nível opcional	2.º e 3.º Semestres 5.º Semestre
Língua Italiana	8 níveis	Um por Semestre
Linguística Italiana	4 níveis	3.º, 4.º 5.º e 6.º Semestres

Com a integração da FLUL no Espaço Europeu do Ensino Superior e na Sociedade do Conhecimento, o Departamento de Literaturas Românicas, no quadro das alterações introduzidas pelo chamado “Processo de Bolonha”, enveredou por uma profunda reformulação dos currículos, com entrada em funcionamento a partir do ano lectivo de 2006/07. No plano estrutural, teve-se em vista a organização dos estudos na perspectiva da sucessão de ciclos de graduação (Licenciatura, Mestrado, Doutoramento), implicando a generalização do regime semestral, o encurtamento da Licenciatura de 4 para 3 anos e a flexibilização das preferências dos estudantes quanto à composição dos elencos curriculares. Neste contexto, os Estudos Italianos beneficiaram de um assinalável alargamento da oferta de disciplinas, quer em Literatura, quer em Cultura, distribuídas por níveis, conforme se indica no Quadro III.

Actualmente, após os reajustamentos curriculares cuja implementação se foi reconhecendo ser necessária, o elenco das disciplinas da área de Italianística (cf. Quadro IV) veio permitir a realização de um *Minor* em Estudos Italianos (30 ECTS – 5 cadeiras, com uma apreciável margem de opcionalidade), oferecido nas Licenciaturas de Línguas, Literaturas e Culturas e de Artes e Humanidades.

No que diz respeito aos docentes incumbidos da leccionação das cadeiras da área de italianística (na FLUL), ao longo de mais de seis décadas, no período compreendido entre 1914/1915 e a criação do Curso de Línguas e Literaturas Modernas, as informações coligidas permitem-nos identificar nomes, sem

QUADRO III – Estudos Italianos

Disciplinas de nível I	Introdução à Literatura Italiana Introdução à Cultura Italiana
Disciplinas de nível II	Literatura Italiana Medieval Literatura Italiana Clássica Literatura Italiana Moderna Literatura Italiana Contemporânea Literatura Italiana: Poesia Lírica Literatura Italiana: Narrativa Literatura Dramática Italiana Dante Petrarca e o Petrarquismo Cultura Italiana: Tradições e Modelos Cultura Italiana: Crises e Vanguardas Renascimento Italiano Marcos da Cultura Italiana

QUADRO IV

Literatura Italiana Medieval e Clássica Literatura Italiana Moderna e Contemporânea Narrativa Italiana Poesia Italiana Dante Literatura e Cinema em Itália Cultura Italiana Arte em Itália Renascimento Italiano Teatro e Espectáculo em Itália
--

rigor exaustivo, tais como: Joaquim Teófilo Fernandes Braga, Agostinho José Fortes, Vitorino Nemésio, Manuel Rodrigues Lapa, Hernâni Cidade, Agostinho Celso de Azevedo Campos, António José Saraiva, Giuseppe Carlo Rossi, Maria de Lourdes Belchior Pontes, Luigi Federzoni, Luís Filipe Lindley Cintra, Maria Ester de Lemos, José Vitorino de Pina Martins, Maria Lúcia Lepecki e José da Costa Miranda<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Para a identificação dos docentes nas datas compreendidas entre os anos lectivos de 1914/15 e 1960/61 recorremos a A. H. de Oliveira Marques, *cit.*, p. 54.

Em tempos mais recentes, depois do ano lectivo de 1978/1979 até à presente data, a docência das cadeiras de Literatura e Cultura Italianas inclui os nomes de José da Costa Miranda (até à aposentação em 1996) e dos docentes do Departamento de Literaturas Românicas, de formação especializada e competentes em matérias da área de italianística, Maria João Almeida, Isabel Almeida, João Figueiredo e Clara Rowland.

Segundo os dados disponíveis, a frequência das cadeiras da área dos Estudos Italianos atingiu o ponto máximo nas décadas de 1980 e 1990. Entre finais de uma década e cerca de meados da seguinte, a disciplina de Literatura Italiana I, por ex., contava com um efectivo de discentes que rondava a ordem da centena, com duas turmas regra geral asseguradas pelo mesmo docente. Desde há alguns anos, vem-se registando uma diminuição do número de estudantes das cadeiras de Literatura e Cultura Italianas (devido à tendência geral da redução de alunos em Humanidades), merecendo no entanto relevo o facto de a área continuar a ser atractiva, conforme se deduz pelo número de estudantes que a escolhem em regime de opção.

Como as restantes áreas departamentais, a de Estudos Italianos dispõe de um Instituto de Cultura, fundado com a Reforma de 1957, sede de um considerável acervo bibliográfico sempre actualizado ao longo dos anos. Para esse enriquecimento, no sentido de uma especialização nas diversas vertentes dos Estudos Italianos, muito contribuiu o empenho e dedicação daquele que foi seu Director por largos anos, o Professor José da Costa Miranda<sup>19</sup>. Graças às suas diligências, e para além das aquisições pela Instituição, pôde o Instituto beneficiar de doações de proveniência

<sup>19</sup> Depois da aposentação do Professor Costa Miranda, a direcção do Instituto foi desempenhada, sucessivamente, pelas Professoras Maria Lucília Pires e Isabel Almeida, sendo actualmente dirigido por Maria João Almeida.

diversa, quer de entidades italianas (Secção Cultural da Embaixada Italiana em Lisboa; FIAT, entre outras), quer de portuguesas (Fundação Calouste Gulbenkian), com destaque para o importante espólio de italianística, integrado no início da década de 90 de Novecentos, por doação do antigo docente da Faculdade de Letras, Prof. Giacinto Manuppella.

Devido à remodelação das infra-estruturas da FLUL que a contemplou com uma nova biblioteca, o Fundo Giacinto Manuppella e o restante espólio bibliográfico do Instituto fazem parte do acervo da Biblioteca da Faculdade. Mas essa integração não prejudicou, nem a função, nem a visibilidade e operatividade do Instituto. Tanto as suas funções tradicionais de apoio científico aos estudantes se encontram beneficiadas pela logística da Biblioteca da Faculdade, como vem prosseguindo e ampliando a sua acção em eventos científicos, individualmente e/ou em colaboração.

Muitas vezes em colaboração com o Instituto Italiano de Cultura de Lisboa, o ICI da Faculdade de Letras foi dando corpo a iniciativas científico-pedagógicas em forma de lições, palestras, seminários, com a participação de professores italianos e nacionais. Para além da sua qualidade de eventos culturais públicos também se destinavam a complementar as actividades lectivas das matérias italianas.

De acordo com o novo estatuto do ICI (após a integração do seu espólio na Biblioteca da FLUL), vem-se acentuando a anterior política de eventos de alcance científico e cultural, individualmente e em colaboração. Refira-se, neste domínio, a realização em parceria com o Centro de Estudos de Teatro da FLUL do Encontro “Futurismo - 100 anos depois”, entre Março e Abril de 2010, e a Jornada “Diálogos Luso-Italianos”, patrocinada pelo Instituto Italiano de Cultura em Portugal, levada a efeito no dia 14 de Setembro de 2010.

Em conclusão deste breve memorando em torno do historial da italianística na FLUL, desejamos vivamente agradecer os preciosos testemunhos, informações e apoios concedidos por: Prof.<sup>a</sup> Cristina Almeida Ribeiro (Dir.<sup>a</sup> do Dep. de Literaturas Românicas da FLUL), Prof.<sup>a</sup> Isabel Rocheta (docente do Dep. de Literaturas Românicas da FLUL), Prof.<sup>a</sup> Maria Lúcia Lepecki (docente aposentada do Dep. de Literaturas Românicas da FLUL), Prof. Alberto Carvalho (docente aposentado do Dep. de Literaturas Românicas da FLUL), Prof.<sup>a</sup> Ester de Lemos (antiga docente da FLUL), Dr. Ricardo Reis (Secretário Coordenador da FLUL), Dr. Carlos Sirgado (Chefe dos Serviços de Alunos da UL), Dr.<sup>a</sup> Maria Leal Ramos Vieira (Directora do Serviço de Documentação e Publicações da UL), D. Maria de Lurdes Gaspar Lourenço (funcionária dos Serviços Académicos da FLUL).

## BIBLIOGRAFIA

- Aguilar, Manuel Busquets de, *O Curso Superior de Letras (1858-1911)*, Lisboa, 1939.
- Almeida, Maria João e Cristina Sobral, “Letras Românicas na Faculdade de Letras: a sua história”, in *Se bem be lembro...* [Letras românicas: ensino e investigação. Jornada de reflexão e debate], Lisboa, Departamento de Literaturas Românicas da FLUL, 1994.
- Anuário da Universidade de Lisboa*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1971/72 – 1978/79.
- Marques, H. de Oliveira, “Notícia Histórica da Faculdade de Letras de Lisboa (1911–1961)”, Separata de *Ocidente*, Lisboa, 1970.
- Miranda, José da Costa, *Dados Biográficos. Dados Bibliográficos*, Junho de 1992.
- Revista da Universidade de Lisboa*, Ano II, n.º 5, Lisboa, Reitoria da Universidade de Lisboa, 1988.



# PORTO. UNIVERSIDADE DO PORTO E OUTRAS INSTITUIÇÕES

## QUARENTA ANOS A ENSINAR ITALIANO

GIUSEPPE MEA\*

Quando sono arrivato a Porto nel 1971, fresco di laurea e con una borsa di studio di lunga durata, sono stato invitato a tenere dei corsi di lingua italiana presso la sezione staccata dell'Istituto Italiano di Cultura, nel locale dove funzionava – e tuttora funziona – il Consolato Onorario d'Italia.

Nelle aule ho trovato ancora i banchi e le lavagne che erano appartenute alla scuola elementare italiana a Porto, soppressa nella seconda metà degli anni '50. Questa scuola, con un centinaio di allievi, e che seguiva l'ordinamento scolastico italiano (5 anni invece dei 4 portoghesi), era frequentata soprattutto dai figli della media borghesia portuense e dai figli delle poche famiglie italiane residenti a Porto (i Dolce, i Di Nunzio, i Flaminio, gli America e pochi altri).

La colonna dell'Istituto Italiano era la Sig.na Annamaria Morelli, già maestra della scuola elementare, che per più di quattro decenni, ha insegnato la lingua italiana a per lo meno due generazioni di portuensi.

Oltre all'Istituto Italiano, frequentato da una cinquantina di persone, l'italiano, agli inizi degli anni '70, era insegnato

\* Leitor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto de 1971 a 2008, ensinou também na Universidade do Minho e na Universidade Católica do Porto. Director Didáctico dos Cursos da Câmara de Comércio Italiana no Porto. Ocupou cargos diplomáticos. Além de tradutor, é autor dos dicionários Italiano-Português e Português-Italiano, Porto Editora/Zingarelli. Acaba de publicar *Gramática prática de Italiano para lusófonos*.

anche al Conservatorio di Musica, per gli studenti che seguivano il corso di canto. Il professore era Don Ângelo Ferreira, un sacerdote che aveva fatto gli studi teologici a Roma.

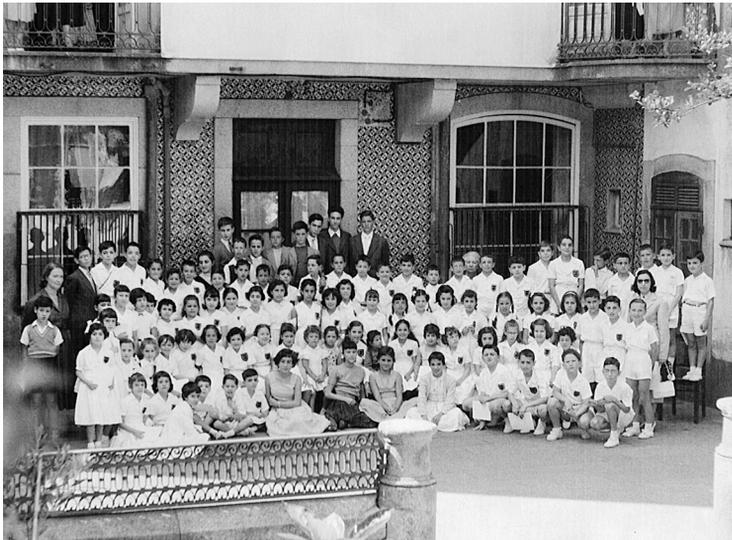
Nell'agosto del 1972, è creato presso la Facoltà di Lettere, il Lettorato Italiano. Nei primi anni la materia di studio era Lingua e Letteratura Italiana, un esame complementare (da scegliere in alternativa a Lingua e Letteratura Spagnola) del 3° anno del corso di laurea in "Românicas". Passati alcuni anni, questa materia è stata scissa in due: Lingua Italiana e Letteratura Italiana, sempre come esami complementari, con iscrizioni alterne. In alcuni anni la disciplina di Lingua Italiana (con punte anche di 70/80 studenti) aveva più iscritti, in altri avveniva il contrario (con punte anche di 50 iscritti).

Agli inizi degli anni '80, all'Istituto Italiano si è verificato un salto di quantità, anche grazie ad una ristrutturazione dei corsi, ad un cambio generazionale del corpo docente e dirigente e ad un aumento del potere d'acquisto dei portoghesi. Dai 50/60 iscritti degli anni '70 si è passati al raddoppio di tale numero, con punte che sono arrivate, in alcuni anni, fino a 140 unità.

A Porto l'Istituto Italiano di Cultura e il Lettorato Italiano presso la Facoltà di Lettere continuavano ad essere i centri più importanti di irradiazione della lingua e cultura italiana del Portogallo del Nord. Nel 1994, a causa di una ristrutturazione degli Istituti Italiani di Cultura all'estero, promossa dal Ministero degli Affari Esteri Italiano, da cui dipendevano, è stata soppressa la Sezione Staccata di Porto. Affinché non vi fosse una dispersione degli iscritti – un centinaio – la Delegazione di Porto della Camera di Commercio Italiana in Portogallo si è presa carico dei corsi, mantenendo il corpo docente, la linea didattica, i locali e i suppellettili tutti. Dal 1994 ad ora, sotto la direzione della Camera di Commercio Italiana, la media annuale degli iscritti si è mantenuta inalterata.

A partire dai primi anni del 2000, a Porto si è notato un fenomeno, fino ad allora inedito. Alcuni istituti privati di lingue hanno incluso nella loro gamma d'offerta anche la lingua italiana. Così ora a Porto ce ne sono per lo meno 5/6 che offrono l'insegnamento della lingua italiana. Dal 2007 funzionano dei corsi per bambini dai 3 ai 13 anni di età, che sono divisi in quattro livelli, organizzati dall'Associazione Socio-Culturale Italiana del Portogallo, presso il Consolato di Porto.

Nel 2008, il lettore di italiano presso la Facoltà di Lettere (dove ha insegnato ininterrottamente dal 1972) è andato in pensione e non è stato sostituito. Quando avremo di nuovo l'insegnamento della Lingua e Letteratura Italiana alla Facoltà di Lettere di Porto?



Gli allievi della scuola elementare italiana di Porto. Anno 1956

## SOBRE OS *CURRICULA* DA FACULDADE DE LETRAS

ZULMIRA SANTOS\*

Trazer para o presente a memória do passado pode ajudar a desenhar o futuro. Desse ponto de vista, no momento em que as universidades portuguesas encaram um conjunto de alterações cujas consequências globais são hoje difíceis de prever, a reflexão sobre a “história” de uma língua e de uma literatura, neste caso o italiano, nos *curricula* da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pode contribuir para a avaliação da presença das literaturas e culturas europeias na formação dos nossos estudantes. De acordo com o conjunto de informações disponíveis nos Serviços de Arquivo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o curso de Filologia Românica tinha no seu plano de estudos (4.º ano) a disciplina de Língua e Literatura Italiana, que funcionou pela primeira vez no ano lectivo de 1972-1973, leccionada

\* Professora Associada com Agregação do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Directora do CIUHE (Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade), do grupo de investigação Sociabilidades, práticas e formas do sentimento religioso do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória e do Curso de Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem vindo a dedicar-se às áreas de investigação da Literatura e Cultura Portuguesas (séculos XVI-XVIII); Literatura e Cultura Espanholas (séculos XVI-XVIII); Literatura Religiosa e de Espiritualidade (séculos XVI-XVIII); História do Livro e da Leitura.

pelo Dr. Giuseppe Mea a quem o Porto e a Faculdade de Letras muito devem na divulgação da cultura e da língua de Petrarca. No ano lectivo de 1974-1975, no quadro das modificações curriculares ocorridas após a Revolução de Abril, foram criadas duas cadeiras anuais, denominadas Língua Italiana I-II e Literatura Italiana I-II que se mantiveram até à reforma de 1978: o decreto 53/78 previa, no quadro do curso de Línguas e Literaturas Modernas, as variantes bidisciplinares com Italiano. Contudo, na FLUP nunca abriram licenciaturas que contemplassem o Italiano, tendo este funcionado apenas como opção (duas disciplinas anuais de língua e uma de literatura). A reforma de 1987, não muito diferente da anterior, previa nos planos curriculares em vigor na FLUP, duas disciplinas de Língua Italiana, a funcionar na variante de Estudos Portugueses, em alternativa com Espanhol, Francês, Inglês ou Alemão; a Literatura Italiana, em alternativa com a Espanhola, ocorria no 3.º ano da mesma variante. Em 2001, com a semestralização dos cursos, à excepção das línguas vivas, oferecem-se como opção dois níveis anuais de Língua Italiana e um nível semestral de Literatura; este cenário mantém-se, em 2004, com a criação da variante de Português – Língua, Literatura e Cultura.

A reforma de Bolonha, implementada na FLUP em 2007/2008, não modifica, no que diz respeito ao Italiano, as possibilidades de opção por parte dos estudantes: qualquer perfil de Línguas, Literaturas e Culturas, que contemple o Português, bem como o 1.º ciclo em Estudos Portugueses e Lusófonos, contam com duas unidades curriculares semestrais de Língua Italiana (Italiano A1 e A2, segundo a designação consagrada pelo Quadro Europeu de Referência) e um semestre de Literatura Italiana. Tal situação, manifestamente insuficiente, levou, aquando da revisão curricular de Novembro de 2008, à criação de um *minor* de Estudos Italianos (composto por 5 unidades curriculares, correspondentes a 30 ECTS) nos perfis monodisciplinares da

licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas. A aposentação do Dr. Giuseppe Mea e ausência de resposta da parte do Istituto Italiano di Cultura ao pedido de financiamento de um leitor, impediram, até ao momento, a abertura deste *minor*. Neste momento, a língua e a cultura italiana fazem apenas parte da oferta formativa da “formação contínua”, nas modalidades de “curso anual” e “cursos intensivos”. A resolução deste problema, que, acreditamos, será breve, abrirá o caminho para a criação de um ramo de Estudos Italianos no Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes e de uma especialidade no Programa Doutoral em Literaturas e Culturas Românicas, criando condições para o reconhecimento da importância da língua, literatura e cultura italianas no contexto dos *curricula* da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

# CONSERVATÓRIOS E ESCOLAS DE MÚSICA

## PERCURSO DE FORMAÇÃO E PLANO DE ESTUDOS

LINO MIONI\*

Em Portugal, país cujos contactos culturais com a Itália são conhecidos, o italiano sempre teve um papel muito importante ao nível musical, mas importa frisar que, neste momento, só nos Conservatórios de Música do ensino público é possível estudar italiano em Portugal ao nível do ensino secundário. A língua italiana integrava a estrutura curricular já no projecto inicial para a criação de um Conservatório Nacional em Lisboa, elaborado pelo pianista e compositor português João Domingos Bomtempo<sup>1</sup> em 1834. Nos programas do Conservatório de Música do Porto, publicados no *Diário de Governo*, em 19 de Março de 1919<sup>2</sup>, o italiano aparecia também como disciplina do

\* Mestre pela Universidade Nova de Lisboa, com uma tese de linguística comparada luso-italiana, e por The Ohio State University, com uma tese sobre as formas de cortesia em Gibaldi Cinzio. Publicou vários artigos e intervenções em congressos. Ensinou italiano no Conservatório de Música de Coimbra, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e em várias universidades norte-americanas. Actualmente lecciona na University of Georgia.

Este texto é um excerto do artigo “Cantar em italiano e imaginar fazê-lo. A pronúncia do italiano para estudantes de canto lírico”, *Imaginação e literatura*, coordenação de Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da FLUC, 2009, pp. 121-136.

<sup>1</sup> Sobre o plano de estudos de João Domingos Bomtempo veja-se Maria José Borges, “Historial”, em <http://www.em-conservatorio-nacional.com/>

<sup>2</sup> *Diário de Governo*, 1.ª série, n.º 64, de 19 de Março de 1919.

plano de estudos, juntamente com o francês. O curso de Italiano desenvolvia-se em dois anos e é interessante notar como os manuais adoptados consistiam numa gramática italiana publicada em Portugal<sup>3</sup> e no volume *Le mie prigioni*, de Silvio Pellico. No plano de estudos do Conservatório Nacional de Lisboa, de 1930<sup>4</sup>, o italiano aparecia como vigésima matéria, sendo a única língua estrangeira considerada. Data de 1932 a publicação do programa de Italiano para o Conservatório Nacional, prevendo a leitura obrigatória de *I promessi sposi*, de Alessandro Manzoni. Desde então, o italiano manteve-se geralmente como curso de dois anos, inclusive na *Experiência pedagógica* de 1971, nome pelo qual ficou conhecida a tentativa de reorganização do ensino da música em Portugal.

Até 1983, o percurso de formação nos Conservatórios de Música compreendia uma vertente liceal e uma vertente de formação universitária. Em 1983, as coisas mudam de forma definitiva para os Conservatórios em Portugal. O Decreto-lei 310/83<sup>5</sup>, de 1 de Julho do mesmo ano, reorganiza o ensino artístico em Portugal e continua em vigor no presente. Este decreto estabelece simplesmente que:

a) O ensino dos Conservatórios de música se concentre e se limite aos cursos que correspondem ao segundo e terceiro ciclos do ensino básico e ao ensino secundário, numa vertente vocacional.

b) A preparação profissional ao nível técnico, artístico e de docência seja efectuada nas escolas superiores e/ou em escolas universitárias.

<sup>3</sup> Emílio Augusto Vecchi, *Gramática da língua italiana. Aprovada pelo conselho escolar do Conservatório e pelo Conselho Superior de Instrução Pública*, Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1915.

<sup>4</sup> Decreto 18 881, publicado no *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 223, de 25 de Setembro de 1930.

<sup>5</sup> *Diário da República*, 1.ª série n.º 149, de 1 de Julho de 1983.

O ensino nos Conservatórios prevê, ou deveria prever, que um estudante começasse os estudos musicais em correspondência com o quinto ano de escolarização e que os conclísse no décimo segundo ano. As escolas do *ensino vocacional da música* organizam-se assim entre o quinto ano da escolarização normal e o décimo segundo ano. Os cursos ministrados nos Conservatórios dividem-se em:

a) Curso básico, de cinco anos de duração, em que o aluno frequenta cinco horas semanais (instrumento, formação musical e classe de conjunto).

b) Curso complementar, de três anos de duração, em que o aluno frequenta em média<sup>6</sup> onze horas semanais.

O curso complementar de música – correspondendo ao décimo, décimo primeiro e décimo segundo anos de escolarização – prevê, para além da componente de formação geral e específica, uma componente de formação vocacional. Neste âmbito, o aluno pode escolher entre:

a) O curso complementar de instrumento, com uma ou duas horas semanais (para tal o aluno deverá ter concluído o quinto grau do mesmo instrumento).

b) O curso complementar de formação musical, com 2 horas semanais.

c) O curso complementar de canto.

No mesmo Decreto-lei, estão também previstos os três regimes de frequência para as escolas do *ensino vocacional da música*:

a) O regime integrado: o aluno frequenta numa mesma escola 3 componentes de formação (a geral, a específica e a vocacional).

b) O regime articulado: o aluno frequenta numa escola normal a componente de formação geral, deixando algumas matérias que são substituídas pelas disciplinas frequentadas num Conservatório.

<sup>6</sup> Digo em média, porque existem diferenças entre os vários regimes de frequência possíveis.

c) O regime supletivo: um percurso formação ligado à área da música, sem ligação alguma com o percurso de escolarização do aluno.

Os planos de estudos dos Conservatórios de Música em Portugal prevêm o italiano enquanto disciplina inserida na componente de formação vocacional do curso complementar de canto. O italiano faz parte, portanto, do plano de estudos dos alunos do curso complementar de canto, mesmo que tenhamos de admitir que existem também alunos de outros instrumentos que se inscrevem nos cursos de italiano.

Os alunos de canto podem, teoricamente, frequentar o curso, optando por um dos três regimes de frequência previstos, sendo que o número de horas varia de acordo com o regime de frequência escolhido: o regime integrado e o articulado prevêm três horas semanais no décimo e no décimo primeiro anos e duas no décimo segundo; o regime supletivo prevê duas horas semanais nos três anos do curso complementar de canto.

Por diversas razões, pelo menos no Conservatório que conheço mais de perto, o Conservatório de Música de Coimbra, todos os alunos frequentam o curso complementar de canto em regime supletivo. Este facto tem um efeito nem sempre positivo. Como estes alunos seguem ao mesmo tempo um outro nível de escolarização (normalmente secundária ou superior), nem sempre conseguem frequentar todas as disciplinas que estão incluídas no seu plano de estudos, situação essa que, ainda por cima, é permitida pelo regime supletivo.

Falemos também dos professores de canto dos Conservatórios. Os que obtiveram um diploma do curso complementar de canto frequentaram dois ou três anos de italiano. Mas se tiverem obtido as suas habilitações para a docência de canto exclusivamente ao nível do ensino superior, poucos, ou raros, são os casos em que terão tido oportunidade de frequentar cursos de italiano. De facto, poucos são os cursos

superiores de canto e de ensino do canto que prevêem nos seus planos de estudo cursos de línguas estrangeiras. De facto, em Portugal existem cursos superiores de canto e de ensino do canto nos quais o italiano, tal como o alemão e o francês, não fazem parte do *curriculum*. Este facto permite que um licenciado em canto via-ensino seja professor de canto lírico sem conhecimentos de italiano, que cante e, talvez pior do que isso, que ensine a cantar o repertório nesta língua. O mesmo é válido para outros idiomas fundamentais no repertório de canto, como o francês e o alemão.

Depois deste *excursus* sobre a história do ensino do italiano nos Conservatórios e sobre o enquadramento curricular do italiano nos Conservatórios de Música em Portugal, vejamos como se organizam os planos de estudo desta disciplina: como referido, no passado, previa-se que os alunos de canto estudassem dois anos de italiano; esta situação manteve-se também na *Experiência Pedagógica* de 1971. Posteriormente ao Decreto-lei 310-83, que reorganiza o ensino da música, em 1984 foram publicadas as linhas gerais para a reorganização dos programas das várias disciplinas, mas relativamente ao italiano nada foi feito. Assim, neste momento, mesmo estando previsto o ensino do italiano nos Conservatórios públicos em Portugal, não existe nenhum programa ministerial relativo a esta disciplina. Por outro lado, cada professor de italiano a exercer funções num Conservatório é obrigado a elaborar um programa e a fazê-lo aprovar pelos órgãos competentes da escola onde presta serviço.

Ao entrar para o Conservatório, um estudante de canto deveria começar desde logo a estudar italiano, sobretudo quando tem de cantar em italiano. Como é compreensível, este desencontro pode criar situações de embaraço. Se com o professor de canto o estudante desenvolve capacidades de respiração e de colocação e emissão da voz, com o professor de italiano, o estudante deveria começar a familiarizar-se com a língua italiana. Quanto à pronúncia, aspecto em

si fundamental, o estudante pode vir a deparar-se com duas orientações: a do professor de canto que procura resultados musicais perfeitos e a do professor de italiano que, relativamente à pronúncia, procura conduzir o aluno a uma pronúncia o mais correcta possível. O problema maior reside no facto de o estudante de canto, ao começar quase desde o início a cantar em italiano<sup>7</sup>, muitas vezes correr o risco de fossilizar alguns erros de pronúncia. Estas fossilizações são por vezes problemáticas, porque ao acontecerem juntamente com a componente musical, a correcção pode também implicar a revisão dos processos de articulação do texto cantado.

Outra tendência, por vezes algo perigosa, mas que se observa em muitos cantores líricos, é a chamada *modificação da vogal*: por modificação da vogal entende-se o acerto tímbrico que por vezes se torna necessário para contornar problemas entre a altura tonal e a projecção da voz. Para se conseguir cantar aquele timbre naquela nota, por vezes é preciso modificá-lo (abri-lo ou fechá-lo dependendo dos casos, para se respeitar o valor tonal e para se manter características acústicas aceitáveis do som produzido). Sem querer entrar em território que não é o meu, defendo que se a modificação da vogal é legítima de um ponto de vista de técnica vocal, é contudo preciso saber muito bem o valor fonético do timbre de partida, para o modificar. Ao procedermos ao contrário, a modificação da vogal transforma-se num processo arbitrário que, ao procurar só os aspectos técnicos, pode prejudicar a compreensão do texto cantado.

Várias são as tendências relativamente ao ensino da pronúncia de uma língua estrangeira. Nos últimos anos, o ensino da pronúncia está a ser bastante revalorizado. Estaremos todos de acordo em afirmar que a pronúncia é uma competência

<sup>7</sup> Lembremos que, normalmente, o aluno começa por executar peças contidas no método de Nicola Vaccaj, no qual são utilizados textos de Metastasio.

que se desenvolve de forma orgânica, juntamente com as outras competências, mas pessoalmente defendo que, no caso dos alunos de canto, é possível fazer-se um trabalho e um estudo específico da pronúncia, usando os textos do repertório que os alunos conhecem no seu percurso de formação. A experiência de oito anos de ensino do italiano no Conservatório diz-me que é possível ensinar a pronúncia do italiano de modo sistemático e que fazê-lo pode ajudar muito os estudantes.

## INSEGNARE ITALIANO NELLE SCUOLE DI MUSICA

MARCELLO SACCO\*

Non esiste, che io sappia, un censimento esaustivo, ma è praticamente certo che ogni anno, in tutto il mondo, un numero presumibilmente elevato di stranieri consuma il primo approccio con la lingua italiana attraverso il repertorio operistico.

Al Conservatorio di Lisbona, per esempio, nell'anno scolastico appena trascorso (2009/10) gli studenti di italiano erano circa una sessantina, trenta al Conservatorio di Oporto, 27 a Coimbra<sup>1</sup>. Va detto che il numero degli iscritti all'inizio dell'anno finisce per ridursi sempre un po' lungo il percorso. Il motivo di questo tasso di abbandono, che si aggira attorno al 20%, si deve quasi sempre a incompatibilità di orari, in quanto si ha a che fare soprattutto con studenti giovani adulti, quasi tutti con percorsi universitari o professionali paralleli da conciliare con lo studio della musica (per motivi fisiologici, al

\* Dopo il Master in "Estudos Portugueses" presso la Universidade Autónoma di Lisbona, ha di recente concluso il Master ITALS in Didattica e Promozione della Lingua e Cultura Italiane a Stranieri, presso l'Università Ca' Foscari di Venezia. È docente di italiano presso i corsi di canto del Conservatorio di Lisbona, Academia de Amadores de Música e Academia de Santa Cecília. Ha curato e tradotto diverse opere di autori portoghesi in Italia, collabora al blog letterario *Sul romanzo* (<http://sulromanzo.blogspot.com/>) e cura la rubrica online *Lirici & lyrics* dedicata ai testi di arie d'opera e canzoni (<http://www.iltaccoditalia.info/sito/index.asp?s=4&t=54>).

<sup>1</sup> Ringrazio la prof.ssa Maria Pia Mottini, del Conservatorio di Oporto, e la prof.ssa Elisabete Mira, del Conservatorio di Coimbra, per le informazioni relative ai rispettivi istituti.

contrario di quanto avviene con gli altri strumenti musicali, gli allievi di canto lirico non sono ammessi al corso prima dei 16/17 anni e una buona parte di essi ha tra i 20 e i 30 anni).

Più in dettaglio, gli allievi di italiano dei conservatori portoghesi frequentano un corso di durata triennale e seguono il consueto calendario scolastico da fine settembre ai primi di giugno. A Lisbona sono divisi in sei classi, le cui lezioni sono distribuite in due “blocchi” didattici settimanali consecutivi, ciascuno dei quali di 45 minuti (dunque sostanzialmente una lezione settimanale di 90 minuti). Anche Coimbra organizza il corso in due blocchi di 45 minuti, ma ha trovato didatticamente più proficuo dividerli in due incontri settimanali. Lo stesso numero di ore settimanali non è cosa del tutto scontata, poiché l'autonomia pedagogica di ciascun conservatorio ha finora permesso che la situazione variasse a seconda delle città. Per questo a Oporto i blocchi didattici settimanali sono stati fino all'anno scorso tre, dunque 135 minuti da dividersi in due incontri settimanali. Lo stesso vale per l'esistenza di un esame al termine del terzo anno; esame che a Oporto è obbligatorio, ma non a Lisbona e Coimbra, dove si presentano a tale esame solo allievi autoproposti, anche esterni, che non abbiano regolarmente frequentato il corso o che lo abbiano frequentato con risultati negativi. A questa mancanza di omogeneità, non necessariamente deprecabile, nell'applicazione di leggi e regolamenti va aggiunto un tale fervore legislativo degli ultimi anni che le informazioni riportate qui e ora potrebbero risultare obsolete o superate già nei prossimi mesi.

Facendo ora un po' di storia, e stando a quanto riportato da altri autori<sup>2</sup>, l'insegnamento dell'italiano nel conservatorio

<sup>2</sup> Cfr. J. P. Alvarenga (coord.), *João Domingos Bomtempo* (catalogo dell'esposizione omonima), Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993; L. Mioni, “Cantar em italiano e imaginar fazê-lo. A pronúncia do italiano para estudantes de canto lírico”, *Imaginação e literatura*, coordenação de Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da FLUC, 2009, pp. 121-136; M. J. Borges, “Historial” em <http://www.em-conservatorio-nacional.com/>

di Lisbona esiste sin dalla sua fondazione, a opera di João Domingos Bomtempo, nel 1834. Il dato è particolarmente interessante, perché fa di tale cattedra la più antica fra quelle attive oggi in Portogallo<sup>3</sup>, mentre a Oporto l'insegnamento della lingua italiana era già incluso nel programma ufficiale pubblicato sul *Diário do Governo* del 10-3-1919. Più recentemente, il decreto ministeriale n.º 76 del 9 ottobre 1985 fa menzione di due ore di italiano obbligatorie accanto alle altre materie necessarie al completamento del corso di Canto. Si aggiunga che, oltre alle cattedre citate, altre dello stesso genere sono attive presso i conservatori di Aveiro e Braga, mentre scuole come l'ultracentenaria *Academia de Amadores de Música* di Lisbona o la prestigiosa *Academia de Santa Cecília* di Ameixoeira, a cui il Ministero riconosce il cosiddetto "paralelismo pedagógico", seguono gli stessi programmi, sia pur con un numero ben più ridotto di allievi e continuità a singhiozzo, secondo la domanda del mercato delle iscrizioni (sei iscritti presso la *Academia de Amadores de Música* e solo due allieve di secondo anno presso la *Academia de Santa Cecília* per l'anno scolastico 2009-2010).

Se a tutti questi studenti aggiungiamo la folla dei melomani e se pensiamo che, come vuole un vecchio luogo comune tutt'altro che lontano dal vero, non passa giorno senza che almeno un teatro al mondo metta in scena un'opera di Verdi (e abbiamo citato solo Verdi), risulta persino evidente che la nostra lingua gode oggi di una proiezione internazionale garantita da autori che non siamo abituati ad annoverare nei nostri canoni letterari. Con una battuta, si potrebbe dire

<sup>3</sup> Mi piace inoltre segnalare che, negli ultimi anni, le cattedre sia di italiano che di tedesco del Conservatorio di Lisbona hanno dato alla luce due testi pionieristici nell'ambito tanto dell'insegnamento rivolto a cantanti come dell'insegnamento in chiave contrastiva con la L1 degli studenti destinatari (il portoghese). Mi riferisco al dizionario di Leonor Lucena, *Dicionário do Cantor Lírico – Italiano/Português*, Lisboa, 2009, e al manuale di Barbara Schilling Tengarrinha, *Deutsch für Sänger/Alemão para cantores*, Norderstedt, BOD, 2008.

che siamo forse davanti a uno scherzo giocato al moderno dal postmoderno, perché siamo alla paradossale rivincita dei Piave sui Dante, checché ne dicano i cultori della scrematura dei canoni. E guardando oltre la diffusione meramente scolastica o teatrale, con un occhio ai nuovi mezzi di diffusione audiovisiva, come non vedere che un DVD edito da una multinazionale, magari con i suoi spezzoni immancabilmente inseriti in youtube, conferisce ai versi non sempre eccelsi della *Traviata* una capacità di penetrazione domestica mondiale (per di più nell'originale italiano) che difficilmente un'ottima traduzione dei *Canti* leopardiani potrà eguagliare? Uno spunto sul quale gli glottodidatti dovrebbero forse riflettere più a fondo.



## UNIVERSIDADES DOS AÇORES, DO MINHO E DE AVEIRO

*O ensino do italiano foi também instituído, em tempos relativamente recentes, nas Universidades dos Açores, do Minho e de Aveiro. Assim sendo, o facto é particularmente sintomático, a vários níveis. Por um lado, são as próprias academias que, numa fase fundamental para a organização dos seus saberes, reconhecem o valor formativo do italiano. Por outro lado, as potencialidades contidas nesses processos são bem traduzidas pelo dinamismo com que estruturas de base vão ganhando contornos cada vez mais profundos.*

### UNIVERSIDADE DOS AÇORES

CATIA BENEDETTI\*, RITA MARNOTO

O ensino do italiano na Universidade dos Açores começou no ano escolar de 1986/1987. Desde então até hoje, as relativas modalidades de estruturação atravessaram várias fases, ao longo de uma linha de desenvolvimento ininterrupta. As diversas formatações dos estudos italianos, durante este

\* Leitora de Italiano na Universidade dos Açores desde 1987. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Perugia, com uma tese sobre Manuel de Oliveira, e doutorada em Literatura Italiana pela Universidade dos Açores, com uma tese sobre Giorgio Bassani.

período, traduzem bem a dinâmica de uma área que se vai sedimentando em correlação com a evolução das estruturas universitárias e dos interesses do seu público.

As particularidades que lhe andam associadas decorrem, desde logo, de circunstâncias geográficas. Na verdade, trata-se do mais relevante pólo de ensino de italiano da área insular portuguesa situada no Oceano Atlântico. Se considerarmos, no seu conjunto, as nove ilhas do arquipélago dos Açores e as duas ilhas do arquipélago da Madeira, Ponta Delgada é a única sede universitária onde existem cursos de italiano. Da tentativa de individuação de escolas ou instituições privadas onde é possível aprender italiano, em todo esse território insular, não surtiram resultados evidentes.

No âmbito de uma orgânica universitária que não se encontra repartida por Faculdades, o italiano integra-se no Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, que é a sede do respectivo leitorado. O sistema de articulação institucional estabelece, contudo, que as disciplinas que lhe são relativas possam ser frequentadas por estudantes de outros cursos, para além dos ministrados neste Departamento, como se verá adiante. No quadro da organização interna do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas em subunidades, existiu, no passado, o Centro de Estudos Italianos e, até há algum tempo, a Secção de Estudos Italianos. Recentes alterações estatutárias levaram à criação de duas secções intra-departamentais, Secção de Estudos da Cultura e da Literatura; e Secção de Estudos da Linguagem e da Comunicação. É nesta última que o italiano se integra.

Na Universidade dos Açores, o italiano pode ser estudado quer em regime curricular, quer em regime de curso livre. Além disso, a Universidade já organizou cursos específicos destinados a guias e operadores turísticos, assim respondendo a anseios e necessidades da sua envolvente. Pelo que diz respeito à literatura italiana, há três anos que esta matéria não é contemplada pelo leque de disciplinas em funcionamento.

Ao nível de licenciatura, correspondente ao primeiro ciclo da reforma de Bolonha, pode ser inserido no plano de estudos enquanto opção. O seu ensino reparte-se por quatro semestres, que equivalem às disciplinas de Italiano I, II, III e IV. Cada uma destas cadeiras reúne numa só turma um significativo número de alunos, sem exceder os limites recomendáveis para a realização de um trabalho científico-pedagógico equilibrado. Os estudantes podem preencher espaços do seu plano de estudos, destinados a opções, com algumas cadeiras de italiano. Todavia, só os das licenciaturas em Comunicação Social e Cultura; Turismo; e Sociologia têm a possibilidade de preencherem os espaços de opção dos seus currículos com os quatro semestres de italiano em funcionamento.

Ao nível de segundo ciclo da reforma de Bolonha, o Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística, recentemente criado, veio colocar o italiano nesse patamar de graduação. É no âmbito das Práticas de Tradução que se inserem os dois seminários semestrais de Italiano-Português e Português-Italiano. A esses se acrescenta um outro seminário semestral que funciona em regime de opção, Interpretação Italiano-Português e Português-Italiano. Começam neste momento a ser elaborados os primeiros projectos de tese sobre matéria italiana.

Por sua vez, os Cursos Livres de Italiano têm vindo a funcionar regularmente. Estruturam-se em unidades anuais, repartidas por dois níveis, um elementar, outro avançado.

A didáctica do italiano tem por suporte o núcleo bibliográfico especializado que se encontra disponível para consulta, em sistema livre, na moderna Biblioteca da Universidade. O alargamento desse acervo seria, indubitavelmente, um contributo de grande valor, para o fomento do ensino do italiano nos Açores. A este anseio um outro se acrescenta, a possibilidade de organizar actividades culturais de cariz autónomo, de forma a incentivar as novas gerações ao

trabalho de investigação no domínio da italianística, dando-lhe também uma maior visibilidade.

Num momento capital para o repensamento da Europa Comunitária e das suas fronteiras, como o é o presente, valerá a pena reflectir sobre aquele pontinho, assinalado no mapa, onde fica a ilha de S. Miguel, a cidade de Ponta Delgada, e onde, nos bancos da Universidade dos Açores, sucessivas gerações de jovens têm vindo a aprender italiano. É o território da Europa, mais a ocidente, onde se estuda a língua de Dante. *Per seguir virtute e canoscenza* (*Inf.* 26.120).

## UNIVERSIDADE DO MINHO

EMANUELE DUCROCCHI\*

L'Universidade do Minho (UM) è un'istituzione relativamente recente nel panorama universitario portoghese, essendo stata fondata nel 1973 ed avendo iniziato la sua attività nell'anno accademico 1975/1976.

Si è da sempre caratterizzata per la sua ampia offerta nel campo dell'insegnamento delle lingue straniere attraverso l'organizzazione di Cursos Livres, aperti cioè alla partecipazione di chiunque desideri imparare una lingua straniera. Ed è proprio attraverso questi corsi che la lingua italiana ha cominciato ad essere insegnata all'UM all'inizio degli anni '90, essendo da sempre una delle lingue più richieste.

L'insegnamento della lingua italiana a livello di Corsi di Laurea è iniziato nell'anno accademico 1999/2000 con il Corso di Laurea in Línguas Estrangeiras Aplicadas (attualmente Línguas Aplicadas) e da allora è sempre continuato, registrando anche quest'anno una partecipazione elevata di studenti (per maggiori informazioni su questo e

\* Lettore di Italiano all'Universidade do Minho. Nato a Milano nel 1952, si è laureato in Economia Politica all'Università Bocconi di Milano. Ha maturato una esperienza nel campo dell'internazionalizzazione d'impresa e della formazione di quadri aziendali. Risiede da dieci anni in Portogallo, dove, oltre all'attività di docenza all'Universidade do Minho, svolge attività di formazione quadri (italiano commerciale ed italiano settoriale applicato alle attività produttive ed alle professioni).

sugli altri Corsi di Laurea citati in questo articolo vedere <http://www.ilch.uminho.pt>). Gli studenti di questo corso possono scegliere l'italiano negli ultimi quattro semestri. Le altre lingue opzionali sono: tedesco, francese, inglese, spagnolo, russo, arabo.

Successivamente l'insegnamento dell'Italiano si è esteso con l'introduzione del corso di laurea in *Línguas e Literaturas Europeias*, in cui l'Italiano è insegnato sempre come lingua opzionale. In questo corso, il programma di lingua italiana include anche elementi di letteratura italiana. L'Italiano è insegnato, inoltre, nel Corso di Laurea in Musica e possono studiarlo, attraverso apposite opzioni curriculari, anche gli studenti dei Corsi di Laurea in *Relações Internacionais* e *Negócios Internacionais*.

A livello di mestrado l'italiano è inserito in quello di *Tradução e Comunicação Multilingue*, in funzione dall'anno accademico 2009/2010. L'obiettivo è quello di permettere agli studenti di sviluppare e consolidare quanto appreso nei precedenti tre anni, in modo da ottimizzare le loro capacità di tradurre e interpretare in lingua italiana.

L'insegnamento della lingua italiana é inquadrato nel *Departamento de Estudos Românicos*, diretto dalla prof.ssa Maria Rosário Girão Ribeiro Santos, dipartimento che a sua volta fa parte dell'*Instituto de Letras e Ciências Humanas*, presieduto dalla prof.ssa Maria Eduarda Bicudo Azeredo Keating.

Per quanto riguarda le prospettive future dell'insegnamento della lingua e della cultura italiane all'UM, la più immediata ha a che vedere con l'avvio del nuovo corso di laurea denominato *Estudos Culturais*. Si tratta di un nuovo corso di laurea e anche qui gli studenti avranno la possibilità di scegliere l'Italiano come lingua opzionale.

Come detto, lo sviluppo iniziale dell'insegnamento della lingua italiana all'UM è passato attraverso i *Cursos Livres*, che costituiscono tuttora un punto di forza dell'università.

Nel corso degli anni, i corsi liberi d'italiano hanno sempre visto una consistente partecipazione e si punta ora ad un forte incremento dell'offerta.

Ciò è favorito dalla recente costituzione all'interno dell'Istituto de Letras e Ciências Humanas di BabeliUM – Centro de Línguas, che gestisce ora tutte le attività connesse ai corsi liberi all'interno dell'Università e l'organizzazione di corsi di lingue all'esterno, anche in partnership con entità pubbliche e private. Questa nuova struttura consentirà un miglior coordinamento ed una maggiore offerta nel campo dei corsi liberi, così come la sperimentazione di nuove forme d'insegnamento delle lingue (per maggiori informazioni su BabeliUM, vedere <http://www.ilch.uminho.pt>).

Per la prima volta, l'estate scorsa si è svolto all'UM un corso intensivo d'Italiano, che ha registrato un ampio successo e ha visto la partecipazione di studenti portoghesi e brasiliani. Per i prossimi anni l'Area Italiano ha predisposto una programmazione annuale dei corsi liberi d'Italiano che prevede un'offerta sempre più ampia. Tali corsi permetteranno agli studenti di arrivare fino ai livelli intermedi intensivi del Quadro Comune Europeo di Riferimento per le Lingue e sono previsti inoltre corsi specifici per il mondo del lavoro e dell'impresa, denominati "Italiano per Lavorare". L'offerta dei corsi d'Italiano non riguarderà solo il campus universitario di Gualtar (Braga) dell'UM ma anche quello di Azurém (Guimarães). In questi due campus universitari si svolge tutta l'attività accademica dell'UM.

In conclusione, possiamo dire che l'UM è attualmente uno dei principali centri di diffusione della lingua e della cultura italiane in Portogallo a livello universitario.

## UNIVERSIDADE DE AVEIRO

SILVIA BRUNETTA\*, RITA MARNOTO

A Universidade de Aveiro é uma das instituições universitárias, se não a instituição universitária, onde mais recentemente foi aberto o ensino do italiano. O evento remonta ao ano lectivo de 2004–2005. E, no entanto, apesar de os anos de um tal itinerário se contarem pelos dedos de uma mão, são visíveis os sinais de um interesse que é crescente.

Foi em 2004–2005 que funcionou, pela primeira vez, um Curso Livre de Italiano. Face aos resultados da experiência, foi posteriormente aberto um outro curso que dá continuidade ao primeiro. Actualmente, o italiano não faz parte, na Universidade de Aveiro, do plano de estudos de nenhum curso de primeiro, segundo ou terceiro ciclo no regime de Bolonha, embora possa ser integrado nas actividades curriculares através de um regime específico, como adiante se dirá.

Em cada semestre são abertas inscrições para os dois cursos. Cada um deles estende-se ao longo de 12 semanas, com 4 horas semanais de leccionação que funcionam em horário

\* Ensina italiano na Universidade de Aveiro dal 2004 e no Conservatório de Música de Aveiro. Licenciatura em Língua e Letterature Straniere na Università di Genova. A viver em Portugal desde 2003. Frequenta o mestrado em Literaturas e Culturas Africanas e da Diáspora na Universidade de Coimbra. Actualmente inscrita no doutoramento em Literatura da Universidade de Aveiro.

Agradece-se à Senhora Prof. Maria Hermínia Laurel todas as informações prestadas.

pós-laboral. Um tem nível elementar, outro nível avançado. Os seus conteúdos estendem-se à cultura italiana, não incidindo, porém, sobre a literatura. Esses dois níveis nem sempre têm funcionado, visto para tal ser requerido um número mínimo de inscritos.

Qualquer estudante da Universidade se pode inscrever nos dois Cursos Livres de Italiano. Paga uma taxa que varia, consoante seja aluno do Departamento de Línguas e Culturas ou de outro Departamento. Mas também qualquer pessoa não ligada à Universidade, tendo interesse pelo italiano, neles se pode inscrever. No final do percurso escolar, todos os alunos aprovados recebem um certificado com a nota final, e os estudantes da Universidade de Aveiro podem enriquecer o seu currículo com essa valência, que será registada como disciplina extra-curricular. Assim obtêm 4 ECTS, de acordo com o sistema europeu de créditos para o ensino. A isso acresce uma outra disposição recentemente estabelecida, que visa os estudos de segundo e de terceiro ciclo. Se o estudante frequenta um curso de mestrado ou de doutoramento, obtêm 6 ECTS, créditos esses que podem preencher espaços curriculares destinados a matérias de opção.

Além disso, há a assinalar a actividade de uma ou duas escolas de línguas que têm vindo a organizar cursos de italiano desde os primórdios da década de 1990. Esses cursos são frequentados por um público que, na sua maioria, pretende fazer uma preparação prévia ao contacto directo com a realidade italiana. Nos últimos anos, parece não ter havido uma procura significativa. Mas têm vindo a ser organizados, pontualmente, cursos direccionados para públicos específicos.

